



Personagens

TIMÃO, nobre ateniense.

LÚCIO
LÚCULO
SEMPRÔNIO } nobres, adutores de Timão.

VENTÍDIO, um dos falsos amigos de Timão.

APEMANTO, filósofo intratável.

ALCIBÍADES, capitão ateniense.

FLÁVIO, intendente de Timão.

FLAMÍNIO
LUCÍLIO
SERVÍLIO } criados de Timão.

CÁFIS
FILOTO
TITO
LÚCIO
HORTÊNSIO } criados dos credores de Timão.

Criados de Ventídio, de Varro e Isidoro (dois credores de Timão).

Três estrangeiros.

Um velho ateniense.

Um pajem.

Um bobo.

Poeta, pintor, joalheiro e mercador.

FRINÉIA
TIMANDRA } amantes de Alcibíades.

Nobres, senadores, oficiais, soldados, ladrões e criados.

Cupido e amazonas, mascarados.

Cena

Atenas e um bosque dos arredores.

Ato I · Cena I

Ante-sala da casa de Timão. Entram por portas diferentes um poeta, um pintor, um joalheiro, um mercador e outras pessoas.

POETA · Bom dia.

PINTOR · Muito alegre fico, vendo-vos assim tão bem disposto.

POETA · Há muito tempo que vos não via. Como vai o mundo?

PINTOR · O tempo o faz gastar-se.

POETA · Oh! isso é certo.

Porém que houve de raro e estranho a um tempo, que o múltiplo registro não conheça?

Mas vede como é mágica a riqueza!

Por seus encantos foram conjurados todos estes espíritos brilhantes.

Conheço o mercador.

PINTOR · Pois conheço ambos.

O outro é joalheiro.

MERCADOR · Oh! é um senhor mui digno.

JOALHEIRO · Sem dúvida nenhuma.

MERCADOR · É uma pessoa

como não há igual, que só respira, como se diz, para uma ininterrupta e incansável bondade. É incomparável.

JOALHEIRO · Tenho aqui uma jóia...

MERCADOR · Oh! quero vê-la.

Mostrai-ma. Porventura se destina para o nobre Timão?

JOALHEIRO · Sim, dependendo do preço, apenas; mas sobre esse ponto...

POETA (*recitando*) ·

“Quando o mal exaltamos pela paga, turva-se o brilho dos sonoros versos, feitos para cantar o bem somente.”

MERCADOR (*examinando a jóia*) ·

Bem trabalhada.

JOALHEIRO · E rica. Eis a água. Vede-la?

PINTOR · Enlevado, senhor, andais, nalguma dedicatória, algum trabalho para nosso grande senhor.

POETA · Uma coisinha

que se me escapa fácil. A poesia

se assemelha à resina, quando escorre

do tronco original. Só surgem chispas da pedreira, quando esta é percutida; mas nossa nobre flama toma impulso de si mesma e, no jeito das correntes avolumadas, arrebenta os diques.

Que tendes aí?

PINTOR · Senhor, uma pintura.

Quando sairá, senhor, o vosso livro?

POETA · Virá no rasto da dedicatória.

Mas vejamos o quadro.

PINTOR · É um bom trabalho.

POETA · Excelente, em verdade; salta à vista.

PINTOR · Assim, assim.

POETA · Notável! Como a graça

por si mesma se expressa! Quanta força mental não se irradia destes olhos!

E como a fantasia portentosa fala por estes lábios! Fora fácil a qualquer um dar voz ao gesto mudo.

PINTOR · Uma feliz paródia, tão-somente, da própria vida. E como vos parece este pequeno traço? Está bem-feito?

POETA · Domina a natureza, é o que vos digo.

A arte aqui se revela mais garrida, mais animada do que a própria vida.

(*Alguns senadores atravessam o palco.*)

PINTOR · Que amigos ele tem!

POETA · Os senadores de Atenas. Venturoso!

PINTOR · Olhai! Mais outros!

POETA · Estais vendo esta afluência, as altas ondas de visitantes? No meu tosco livro desenho um homem que o terreno mundo carrega e acaricia regiamente.

Não se detém meu livre estilo em nada particular, porém num mar se move de luz e sempre calmo. Nenhum traço de malícia macula uma só vírgula do meu poema, que em seu curso altivo prossegue como as águias altanadas sem deixar nenhum traço.

PINTOR · De que modo compreender isso?

POETA · Vou ser mais explícito.

Como estais vendo, as classes todas, todos os espíritos, tanto as mais volúveis criaturas e inconstantes como os seres mais sisudos e graves oferecem a Timão seus serviços. Sua grande fortuna, que decora a natureza dele, boa e graciosa, toda a sorte de corações domina, conquistando-os para seu grande afeto, desde o simples adulator que, como espelho, o rosto reflete dos demais a esse Apemanto que poucas coisas ama tanto como desprezar a si mesmo. Pois até este em sua frente vem dobrar o joelho, retornando mais calmo e enriquecido com um gesto de Timão.

PINTOR · Já os vi juntos.

POETA · Numa colina verdejante e amena represento a Fortuna sobre um trono.

No sopé da montanha colocados estão por ordem todos os estados, todos os seres que no seio desta nossa esfera procuram dar impulso à sua própria dita. Entre eles, de olhos voltados sempre para a soberana, um imagino que copia os traços do grandioso Timão, a quem com sua mão ebúrnea a Fortuna faz acenos, favor esse estupendo que transforma em servidores, para logo, e escravos todos os seus rivais.

PINTOR · Grandiosa idéia! Esse trono, a Fortuna, o monte — penso — e essa figura que entre a turba, embaixo, se destaca a um sinal e, baixa a frente, para o monte escarpado se dirige em busca da ventura, ficariam representados muito bem num quadro.

POETA · Pois não, senhor; mas escutai o resto. Todos aqueles que eram camaradas dele havia minutos, e até mesmo seus servidores, desde esse momento os passos dele seguem, abarrotam seus corredores, encham-lhe as orelhas de censuradores ditos, até mesmo seus estribos endeusam, só por meio dele bebendo o ar livre.

PINTOR · Pois que seja,

senhor. Que vem depois?

POETA · Quando a Fortuna, por capricho e inconstância muito próprios, empurra para longe o favorito, toda a turba dos que no rasto dele procuravam subir, das mãos valendo-se e dos joelhos, cair o deixam logo, sem que o acompanhe um só no seu declínio.

PINTOR · Isso é comum.

Mil quadros alegóricos podia vos indicar que pintam tais mudanças rápidas da Fortuna por maneira mais viva que a palavra. Mas parece-me que fazeis bem em demonstrar ao nosso grande Timão que os olhos dos pequenos já viram pés mais altos que cabeças.

(Soam trombetas. Entra Timão com grande acompanhamento. Fala com ele um mensageiro de Ventídio. Lucílio e outros criados o acompanham.)

TIMÃO · Como! Está preso? Foi o que dissestes?

MENSAGEIRO ·

Sim, bondoso senhor. Cinco talentos é toda a sua dívida. Mas acha-se sem recursos nenhuns e seus credores fazem grande pressão. Assim, deseja uma palavra vossa junto deles, sem o quê perderá toda esperança.

TIMÃO · Nobre Ventídio! Bem. Não é de minha feição atirar longe meus amigos, quando de mim precisam. Sempre o tive na conta de um fidalgo que merece ser ajudado em tudo. Não me nego, pois, a auxiliá-lo. Vou pagar-lhe a dívida, para que seja solto.

MENSAGEIRO · Agradecido ficará sempre a Vossa Senhoria.

TIMÃO · Recomenda-me a ele. Vou mandar-lhe seu resgate. É, uma vez ficando livre, que venha visitar-me. Não nos basta tão-somente ajudar os que precisam; devemos ampará-los depois disso. Adeus.

MENSAGEIRO · Feliz Vossa Honra seja sempre.

(Sai.)

(Entra um velbo ateniense.)

VELHO ATENIENSE ·

Senhor Timão, ouvi-me, por obséquio.

TIMÃO · De bom grado, paizinho.

VELHO ATENIENSE · Tens um criado que se chama Lucílio.

TIMÃO · É certo. Que houve?

VELHO ATENIENSE ·

Nobre Timão, à tua frente o chama.

TIMÃO · Estará ele aqui? Olá, Lucílio!

LUCÍLIO · Pronto! Às ordens de Vossa Senhoria.

VELHO ATENIENSE ·

Muito nobre Timão, este sujeito, teu criado, à noite me frequenta a casa.

Um tipo eu sou, porém, que desde cedo

procurei ajuntar alguma coisa, merecendo, por isso, meus haveres

um herdeiro bem mais qualificado

do que o que sabe só lidar com pratos.

TIMÃO · Bem, e depois?

VELHO ATENIENSE · Só uma filha tenho,

nenhum parente mais, a quem pretendo

deixar quanto possuo. A rapariga

dotada é de beleza e está na idade

de ficar noiva, tendo-me custado

bastante a educação aprimorada

que timbrei em lhe dar. Por isso peço-te,

nobre senhor, que a mim te alies para

desviá-lo do propósito de vê-la,

pois lhe falei até hoje em pura perda.

TIMÃO · É honesto esse rapaz.

VELHO ATENIENSE · Como decerto,

Timão, irá prová-lo neste passo.

Por si mesma se paga a honestidade;

não há de, pois, querer levar-me a filha.

TIMÃO · E ela, lhe tem amor?

VELHO ATENIENSE · É muito jovem,

fácil de impressionar-se. Nossos próprios

erros da mocidade nos ensinam

quanto esta sempre se revela instável.

TIMÃO (*A Lucílio*) · Amais a rapariga?

LUCÍLIO · Sim, bondoso

senhor, e ela me aceita.

VELHO ATENIENSE · Se nas núpcias

faltar o meu consentimento, tomo

por testemunha os deuses em como hei de

para herdeiro escolher um dos mendigos

deste mundo, de tudo a destituindo.

TIMÃO · A quanto irá seu dote, se marido

condigno ela alcançar?

VELHO ATENIENSE · Estando eu vivo, três talentos; depois de morto, tudo.

TIMÃO · Este rapaz me serve há muito tempo.

Assim, devo esforçar-me um pouco para

construir sua fortuna. É dever nosso.

Concedei-lhe a menina. O que a esta derdes,

terá ele de mim, porque não venha,

desse modo, a pesar menos do que ela.

VELHO ATENIENSE ·

Nobre senhor, se por penhor me derdes

vossa própria honra, é dele minha filha.

TIMÃO · Eis minha mão, confirmo o que te disse.

LUCÍLIO · De todo o coração vos agradeço.

Que nunca eu possa a ter nenhuma dita,

sem que de vós me venha.

(*Saem Lucílio e o velho ateniense.*)

POETA · Aceitai meu trabalho, e vida longa

tenha Vossa Grandeza.

TIMÃO · Agradecido;

heis de notícias minhas ter em breve.

Não saiais ainda. Que trouxeste, amigo?

PINTOR · Uma pintura que eu quisera muito

ver aceita por Vossa Senhoria.

TIMÃO · A pintura é bem-vinda, que um retrato

é quase uma pessoa verdadeira,

pois, desde que a desonra tem negócios

com a natureza humana, tornou-se o homem

apenas exterior. Essas figuras

pintadas são realmente o que insinuem.

Agrada-me o trabalho, o de que em breve

vos heis de convencer. Ficai um pouco

por aqui, que ouvireis notícias minhas.

PINTOR · Os deuses vos protejam.

TIMÃO · Cavalheiro,

passai bem. Dai-me a mão. Cearemos juntos. —

Vossa jóia, senhor, prejudicou-se

junto dos entendidos.

JOALHEIRO · Como! Como!

Foi depreciada?

TIMÃO · Excesso de elogios.

Se eu tivesse de dar por ela quanto

proclama o alto louvor, fora certeza

perder a própria roupa.

JOALHEIRO · Computada

foi ao preço dos vários compradores.

Como sabeis, objetos de igual preço,

em diferentes mãos, são avaliados por seus possuidores. Podéis crer-me, caro senhor, o fato de trazerdes uma jóia, lhe aumenta muito o preço.

TIMÃO · Boa pilhéria.

MERCADOR · Não, bondoso senhor, o sentimento geral é que ele exprime, diz apenas o que todos repetem.

TIMÃO · Vede quem vem chegando. Desejoso não estais de ouvir ralhos?

(*Entra Apemanto.*)

JOALHEIRO · Ouviremos com paciência o que ouvirdes.

MERCADOR · Não costuma poupar ninguém.

TIMÃO · Nobre Apemanto, sede muito bem-vindo.

APEMANTO · Até que eu fique nobre, poupa o teu cumprimento, o que há de dar-se quando em cão de Timão te transformares e em pessoa de bem esses velhacos.

TIMÃO · Por que razão os chamas de velhacos? Não os conheces?

APEMANTO · Não são atenienses?

TIMÃO · São.

APEMANTO · Nesse caso, não me retrato.

JOALHEIRO · Conheces-me, Apemanto?

APEMANTO · Sabes perfeitamente que te conheço, chamei-te pelo nome.

TIMÃO · És orgulhoso, Apemanto.

APEMANTO · Mas de nada me orgulho tanto, como de não ser igual a Timão.

TIMÃO · Para onde te diriges?

APEMANTO · Vou fazer saltar o cérebro de um ateniense honesto.

TIMÃO · É uma ação que te custará a vida.

APEMANTO · Sim, no caso de cominarem as leis pena de morte a quem não fizer nada.

TIMÃO · Que te parece este quadro, Apemanto?

APEMANTO · Bom, por ser inócuo.

TIMÃO · Não foi hábil o pintor?

APEMANTO · Mais hábil foi quem fez o pintor, que não passa de uma grande porcaria.

PINTOR · És um cão.

APEMANTO · Tua mãe é da minha geração. Que será ela, se eu for cão?

TIMÃO · Queres cear comigo, Apemanto?

APEMANTO · Não; não devoro senhores.

TIMÃO · Se os devorasses, deixarias as senhoras aborrecidas.

APEMANTO · Oh! elas comem senhores; daí ficarem com o ventre crescido.

TIMÃO · É uma insinuação malévola.

APEMANTO · Se a interpretaste desse modo, fica com ela, pelo teu trabalho.

TIMÃO · Como aprecias esta jóia, Apemanto?

APEMANTO · Aprecio menos que a sinceridade, que não nos custa um ceitil.

TIMÃO · Em quanto a avalias?

APEMANTO · Não vale o trabalho de pensarmos nela. — Então, poeta!

POETA · Então, filósofo!

APEMANTO · Mentas.

POETA · Não és filósofo?

APEMANTO · Sou.

POETA · Nesse caso, não menti.

APEMANTO · És poeta?

POETA · Sou.

APEMANTO · Então estás mentindo. Basta veres o teu último trabalho, em que imaginas Timão como uma pessoa digna.

POETA · Mas isso não é imaginado; ele é assim mesmo.

APEMANTO · Sim, é digno de ti, e é digno de pagarte o trabalho. Quem gosta de ser adulado é digno do adulator. Céus! se eu fosse um senhor!

TIMÃO · Que é que farias, Apemanto?

APEMANTO · Justamente o que Apemanto faz agora: odiar de todo o coração a um senhor.

TIMÃO · Como! odiarias a ti mesmo?

APEMANTO · Odiaria.

TIMÃO · Por quê?

APEMANTO · Por ver que carecia de espírito ferino para ser um senhor. — E tu aí, és mercador?

MERCADOR · Sou, Apemanto.

APEMANTO · Que os negócios te arruinem, se os deuses não o fizerem.

MERCADOR · Se os negócios o fizerem, os deuses concordarão com isso.

APEMANTO · Teu deus é o negócio; que teu deus te arruíne.

(*Soam trombetas. Entra um criado.*)

TIMÃO · Por que trombeta a esta hora?
CRIADO · É Alcibíades,
 com vinte companheiros de cavalo.
TIMÃO · Ide ao encontro deles, por obséquio;
 guiai-os até nós.

(Saem alguns criados.)

Ceareis comigo;
 sim, é preciso. Não ireis embora
 sem que a todos eu tenha agradecido.
 Depois da ceia quero ver o quadro.
 Muito me alegra ver-vos.
(Entra Alcibíades com seus companheiros.)
 Sois bem-vindo.

APEMANTO ·
 É assim mesmo! É assim mesmo! Possa a gota
 paralisar e deixar secas vossas
 juntas flexíveis. Que no meio desses
 biltres adocicados haja tanta
 falta de amor e reine a cortesia!
 A geração dos homens se transforma
 pouco a pouco em macacos e bugios.
ALCIBÍADES ·
 Ávido de vos ver, senhor, deixastes-me;
 ora em vossa presença me sacio.
TIMÃO · Sois bem-vindo, senhor. Até o momento
 de partirdes teremos muitas horas
 de alegria e prazer. Entremos, peço-vos.
(Saem todos, com exceção de Apemanto.)
(Entram dois nobres.)

PRIMEIRO NOBRE ·
 Que horas são, Apemanto?
APEMANTO · A hora precisa
 de ficarmos honestos.
PRIMEIRO NOBRE · Sempre é hora
 de o sermos.
APEMANTO · Tanto mais amaldiçoado
 serás, então, por te esqueceres dela.
SEGUNDO NOBRE ·
 Vais ao banquete do senhor Timão?

APEMANTO · Vou, para ver a carne encher os biltres
 e o vinho deixar quentes os idiotas.
SEGUNDO NOBRE · Adeus, adeus.
APEMANTO · Demonstras que não passas de um
 grande tolo, por me dizeres adeus duas vezes.
SEGUNDO NOBRE · Por quê, Apemanto?
APEMANTO · Devias ter reservado um para ti,
 porque não tenciono dizer-te adeus.
PRIMEIRO NOBRE · Vai-te enforcar!
APEMANTO · Não; não farei coisa alguma por
 instâncias tuas; reserva essa ordem para algum
 amigo que tiveres.
SEGUNDO NOBRE · Vai saindo, cão briguento; se
 não, enxotar-te-ei daqui.
APEMANTO · Na qualidade de cão, vou fugindo da
 ferradura de um asno.

(Sai.)

PRIMEIRO NOBRE ·
 Tem ódio à humanidade. Entremos logo.
 Vamos provar da liberalidade
 do bondoso Timão. Ela é mais rica
 do que a própria abundância.
SEGUNDO NOBRE · Sim, transborda,
 caindo em catadupas. O deus do ouro,
 Pluto, não passa de intendente dele.
 Paga qualquer serviço sete vezes
 o seu valor. Qualquer presente enseja,
 para quem dá, um mimo que ultrapassa
 de muito a previsão.
PRIMEIRO NOBRE · Mais nobre espírito
 não se viu governar pessoa alguma.
SEGUNDO NOBRE ·
 Que tenha vida longa e sempre próspera.
 Afinal, não entramos?
PRIMEIRO NOBRE · Acompanho-vos.
(Saem.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Salão de gala em casa de Timão. Os oboés tocam com força; grande banquete está preparado. Flávio e os criados servem. Depois entram Timão, Alcibíades, nobres, senadores, Ventídio e pessoas do séquito. Por último, Apemanto, sempre descontente consigo mesmo.

VENTÍDIO · Muito nobre Timão,
 foi do agrado dos deuses recordarem-se
 da idade de meu pai, e para o longo
 repouso o convidaram.
 Partiu feliz e me deixou herdeiro

de uma grande fortuna. Assim, por ver-me ligado ao vosso coração bondoso pela grata virtude, restituo-vos vossos talentos, ora redobrados com minha gratidão e meus serviços, pois por eles obtive a liberdade.

TIMÃO · Não, honesto Ventídio! Desse modo ofendeis meu amor. Essa quantia vos foi dada em caráter absoluto.

Quem a devolução aceita, nunca pode dizer que deu. Se nesse jogo os melhores que nós assim procedem, não precisamos imitá-los nisso.

Os defeitos dos ricos são plausíveis.

VENTÍDIO · Que nobre espírito!

(Todos os convivas ficam de pé, olhando cerimoniosamente para Timão.)

TIMÃO · Não, não, senhores!

Foi inventada a cerimônia apenas para brilho emprestar aos atos pálidos, aos cumprimentos ociosos, à bondade que se desdiz e que, antes de mostrar-se, já arrependida está. Mas onde existe verdadeira amizade é improcedente. Por obséquio, sentai-vos. Mais queridos sois à minha fortuna do que possa sê-lo a mim ela própria.

(Todos se sentam.)

PRIMEIRO NOBRE · É o que já temos confessado, senhor.

APEMANTO · Oh! confessado!

E depois disso, não se segue a forca?

TIMÃO · Oh! Bem-vindo, Apemanto!

APEMANTO · Não desejo

ser recebido assim. Vim, tão-somente, para que me enxotasses porta afora.

TIMÃO · Ora, ora! és intratável; tens um gênio que não condiz com a natureza humana, muito de censurar. Dizem, senhores:

Ira furor brevis est;

mas este homem está zangado sempre.

Arranjai uma mesa só para ele, pois não só não procura companhia, como a nenhuma, mesmo, se acomoda.

APEMANTO · Ficarei, pois, Timão, por tua conta. Só. Vim para observar; fica avisado.

TIMÃO · Não me preocupo contigo. Por seres ateniense és bem-vindo. Não tenho ordens a dar. Por favor, que a minha comida te faça calar a boca.

APEMANTO · Desprezo essa comida, poderia ser por ela asfixiado, porque nunca saberei adular-te. Oh deuses! Quanta gente come Timão, sem que ele o veja! Sofro por ver que tanta gente molha o pão no sangue de uma só pessoa, e, o que é a loucura máxima: ele próprio os concita a isso mesmo.

Espanta-me de ver confiar os homens uns nos outros. Parece-me que às festas devera ser proibido trazer faca; lucrara o bródio e a vida, essa velhaca. Há bastantes exemplos disso mesmo.

O tipo que se encosta ao lado dele, com ele parte o pão e bebe à sua saúde em vários tragos, é o primeiro que se decidirá a tirar-lhe a vida.

É coisa já provada. Caso eu fosse gente de projeção, teria medo de beber em banquetes; poderiam descobrir-me da goela o ponto fraco. Os grandes, por fugirem da desgraça beber só deveriam de couraça.

TIMÃO · Obrigado, senhor. Que o brinde faça toda a volta da mesa.

SEGUNDO NOBRE · Meu bom nobre, que corra por aqui.

APEMANTO · Que corra por aqui! Como é sabido esse sujeito! Conhece o modo de dirigir a maré.

Timão, esses brindes à tua saúde ainda hão de deixar-te e à tua fortuna, com fisionomia de doente.

Aqui tenho água honesta, muito fraca para ser pecadora e que na lama nunca atirou ninguém. Faz boa liga com este prato. Em meio da vinhaça aos deuses não podemos render graça.

Não quero, oh deuses! ser rico; somente por mim suplico.

Não deixeis que eu perca o tento, para crer no juramento dos homens, a qualquer hora, na prostituta que chora, em cachorro fraldiqueiro,

no maldito carcereiro,
quando eu quiser liberdade,
nem no amigo de verdade,
quando tiver precisão
de que ele me estenda a mão.
Amém. Pecado é a riqueza.
Com raiz nutro a fraqueza.

(Come e bebe.)

Que isto faça bem ao teu bom coração, Apemanto.

TIMÃO · Capitão Alcibíades, neste momento tendes o coração no campo de batalha.

ALCIBÍADES · Tenho sempre o coração a vosso serviço, senhor.

TIMÃO · Preferiríeis estar num almoço de inimigos a estardes numa ceia de amigos.

ALCIBÍADES · Quando eles estão a perder sangue, senhor, não há prato que se lhes possa comparar; é um festim como eu poderia desejar ao meu melhor amigo.

APEMANTO · Quem dera que todos estes adultores fossem teus inimigos, para que os matasses e me convidasses para o almoço.

PRIMEIRO NOBRE · Se ao menos nós pudéssemos ter a dita, senhor, de virdes a necessitar, uma só vez que fosse, de nossos corações, para que pudéssemos demonstrar uma partícula de nossa dedicação, considerar-nos-íamos venturosos para sempre.

TIMÃO · Oh! sem dúvida nenhuma, caros amigos. Mas os próprios deuses determinaram que eu ainda venha a receber muito auxílio de vossa parte. Porque, a não ser assim, como poderíeis ser amigos? Por que recebestes esse título afetuosos, entre milhares de pessoas, se não por fazerdes parte integrante de meu coração? Já tenho dito a vosso respeito mais coisas a mim mesmo do que poderia falar a vosso favor a modéstia que vos é própria, podeis ter a certeza disso. Oh deuses! muitas vezes tenho pensado: por que precisaríamos de amigos, se nunca tivéssemos necessidade deles? Seriam as criaturas mais inúteis do mundo, se nunca recorrêssemos a eles, e se assemelhariam a esses instrumentos agradáveis que permanecem nos estojos, guardando consigo mesmo suas harmonias. Sim, posso assegurar-vos que muitas vezes desejei ser pobre, para poder sentir-me mais perto de todos vós. Nascemos para fazer o bem. É que coisa podemos chamar de nossa,

com mais acerto e propriedade, do que a fortuna de nossos amigos? Oh! que pensamento tranquilizador é sabermos que podemos dispor reciprocamente, como irmãos que somos, dos haveres respectivos! Oh alegria, que morre antes mesmo de nascer! Não posso conter as lágrimas; para corrigir essa falta, bebo à vossa saúde.

APEMANTO · Tu choras para que eles bebam, Timão.

SEGUNDO NOBRE · Em nossos olhos a alegria nasce do mesmo modo; é criança ao vir ao mundo.

APEMANTO · Oh! oh! Dou risadas só de pensar que essa criança é bastarda.

TERCEIRO NOBRE · Posso assegurar-vos, senhor, que me deixastes muito comovido.

APEMANTO · Muito!

(Soam trombetas.)

TIMÃO · Que significa esse toque de trombeta?

(Entra um criado.)

Então?

CRIADO · Com vossa permissão, senhor: aí fora estão umas senhoras que desejam instantemente licença para entrar.

TIMÃO · Umas senhoras! Que é que elas querem?

CRIADO · Vêm precedidas de um mensageiro, senhor, que se acha incumbido de dizer o que elas desejam.

(Entra Cupido.)

CUPIDO · Saúde a ti, grande Timão, e a quantos da liberalidade dele provam.

Os sentidos — são cinco — reconhecem em ti o senhor deles. Aproximam-se para trazer os parabéns a tua casa em tudo abundante. O ouvido, o gosto, o tacto, o olfato, ledos se levantam de tua mesa. Todos, em revista, só vêm para alegrar-te um pouco a vista.

TIMÃO · São bem-vindos. Entrada tenham franca. Que música os saúde.

(Sai Cupido.)

PRIMEIRO NOBRE · Como vedes, senhor, sois muito amado.

(Música. Volta Cupido, seguido de uma mascarada de damas com trajes de amazonas, que dançam e cantam ao som do alaúde.)

APEMANTO ·

Que enxame de vaidade vem chegando!

E dançam! Com certeza são dementes.
 Como loucura é a glória desta vida,
 tal como este cortejo, comparado
 com um pouco de óleo e umas raízes magras.
 Viramos tontos para divertirmo-nos.
 Esbanjamos lisonjas para à saúde
 beber de uns tipos sobre os quais cuspiamos,
 quando se tornam velhos, com desprezo
 e venenosa inveja. Qual é o homem
 que não é corrompido nem corrompe?
 Quem morre, sem levar para o sepulcro
 um coice dos amigos?
 Medo teria de que os que ora dançam
 diante de mim, um dia tripudiassem
 sobre o meu corpo. A história nos exorta:
 sumindo o sol, fecha depressa a porta.

(Os nobres se levantam da mesa e assumem atitude de adoração diante de Timão; para lhe serem agradáveis, cada um escolhe uma amazona e, formando pares, dançam um ou dois passos ao som dos oboés, detendo-se em seguida.)

TIMÃO · Emprestastes donaire, belas damas,
 a nossa festa e um cunho de elegância
 nela imprimistes, que a beleza e o brilho
 de muito lhe aumentaram. Mais valia
 soubestes dar-lhe e, assim, me divertistes
 com minha própria idéia. É necessário,
 pois, que vos agradeça.

PRIMEIRA DAMA · Pelo lado
 melhor, caro senhor, nos recebestes.

APEMANTO · Sim, mesmo porque o lado pior
 é imundo, tendo eu bastante receio de que não
 agüente uma recepção.

TIMÃO · Senhoras, minha mesa é bem modesta.
 Servi-vos, por obséquio.

TODAS AS DAMAS · Agradecemos
 de coração, senhor.

TIMÃO · Flávio! Flávio!

FLÁVIO · Senhor?

TIMÃO · Traze o pequeno cofre.

FLÁVIO · Neste instante.

(À parte.)

Mais jóias! Não se pode contrariá-lo;
 senão, fora o momento de dizer-lhe...
 Bem; quando tudo já estiver raspado,
 quisera ele ter sido contrariado.
 Se a generosidade fosse astuta,
 não sofrera a bondade queda abrupta.

(Sai.)

PRIMEIRO NOBRE · Onde estão nossos homens?
CRIADO · Todos prontos,
 senhor; às vossas ordens.

(Volta Flávio com um cofre.)

TIMÃO · Oh meus amigos! mais uma palavra,
 com vossa permissão. Meu caro nobre,
 solicito-vos a honra sublimada
 de enobrecerdes esta humilde jóia.
 Aceitai-a, senhor, de minha parte.

PRIMEIRO NOBRE ·

Já vos sou devedor de tantos brindes...

TODOS · Como nós todos.

(Entra um criado.)

CRIADO · Meu senhor, apaream,
 neste momento, à porta uns senadores
 que vos vêm visitar.

TIMÃO · São mui bem-vindos.

FLÁVIO · Suplico a Vossa Graça uma palavra,
 é assunto que vos toca mui de perto.

TIMÃO · A mim? Então, mais tarde acharei tempo
 para ouvir o que seja. Só te peço
 que arranjes tudo para recebê-los
 condignamente.

FLÁVIO (à parte) · Como, é o que não sei.

(Entra outro criado.)

SEGUNDO CRIADO ·

Com vossa permissão: o senhor Lúcio
 de livre amor vos manda este presente:
 quatro cavalos, brancos como leite,
 ajaezados de prata.

TIMÃO · De bom grado
 recebo esse presente, e que ele seja
 retribuído na altura.

(Entra um terceiro criado.)

Que há de novo?

TERCEIRO CRIADO · Com vossa permissão, senhor:
 o honrado gentil-homem, o senhor Lúculo, solicita
 vossa companhia para caçar com ele amanhã, e vos
 manda dois pares de galgos.

TIMÃO · Com eles caçarei. Esse presente
 não ficará sem galardão condigno.

FLÁVIO (à parte) ·

Como acabará isso? Dá-nos ordens
 para os preparativos e presentes
 valiosos distribui, saindo tudo
 de uma burra vazia. Não se importa

de conhecer o estado real da bolsa;
 não me deixa falar, quando lhe digo
 que já ficou seu coração mendigo,
 e incapaz de dar corpo aos seus desejos.

De tal modo as promessas ultrapassam
 tudo quanto possui, que, quanto fala,
 de dívida não passa. Deve todas
 as palavras que diz, e é tão bondoso
 que a pagar passa os juros da bondade.
 Suas terras estão hipotecadas.

Oh! quem me dera que do emprego eu fosse
 despedido por bem, antes de ver-me
 forçado a abandoná-lo.

É preferível não possuir amigos
 do que os ter mais nocivos que inimigos.
 Sangra-me o coração por causa dele.

TIMÃO · Sois injustos convosco; rebaixai-vos
 em vosso próprio mérito. Ofereço-vos
 esta pequena prova de amizade.

SEGUNDO NOBRE · Aceito-a, sim, com gratidão
 acima da bitola comum.

TERCEIRO NOBRE · Oh! é a própria alma
 da generosidade.

TIMÃO · Agora ocorre-me,
 meu senhor, que fizestes o elogio
 recentemente de um cavalo baio
 em que eu dava umas voltas. Pois pertence-vos,
 já que vos agradou.

TERCEIRO NOBRE · Oh! desculpai-me,
 senhor, essas palavras, por obséquio.

TIMÃO · Podeis acreditar no que vos digo,
 caro senhor. Sei bem que ninguém pode
 elogiar a não ser o que aprecia
 de coração. Pelo meu próprio afeto
 meço o dos meus amigos. Sou sincero.
 Visitar-vos irei.

TODOS OS NOBRES · Oh! ninguém pode
 ser tão bem-vindo.

TIMÃO · Todas as visitas,
 principalmente as vossas, tão de perto
 ao coração me falam, que não chega
 quanto vos possa dar. Só me parece
 que de reinos dispor eu deveria,
 sem cansar-me de dá-los. Alcibíades,
 és soldado e, por isso, pouco rico.

É obra de caridade presentear-te.
 Vives dos mortos; todas as tuas terras
 se reduzem a um campo de batalha.

ALCIBÍADES · É certo, meu senhor, terras estéreis.

PRIMEIRO NOBRE ·

Tão lealmente ligados nos sentimos
 a vós, senhor...

TIMÃO · Como eu, como eu a todos.

SEGUNDO NOBRE · Tão infinitamente devotados...

TIMÃO · Como eu a todos. — Luz aqui! Mais luzes!

PRIMEIRO NOBRE ·

Que a mais alta ventura, a honra e a fortuna,
 nobre Timão, convosco permaneçam.

TIMÃO · Sempre pronto a servir os meus amigos.

(Saem Alcibíades, os nobres, etc.)

APEMANTO ·

Quantos salamaleques! Quantos rostos
 em contorções, traseiros ressaltados!

Não sei se todas essas pernas moles
 valem o ouro que por elas pagam.

A amizade é só borra. Nunca pode
 ter perna firme o coração fingido.

O tolo honesto gasta em reverências
 tudo quanto possui.

TIMÃO · Eh, Apemanto!

Se intratável não fosses, poderia
 fazer-te algum presente.

APEMANTO · Não, não quero nada. Porque se até
 eu aceitasse peitas, não sobraria ninguém para te
 invectivar, do que resultara incidires ainda mais no
 erro. Fazes presentes há tanto tempo, Timão, que
 eu tenho medo de que dentro de pouco faças de ti
 próprio uma doação por escrito. Qual é a vantagem
 de todas essas festas, pompas e vaidades?

TIMÃO · Bem; se recomeças a deblaterar contra
 a sociedade, serei obrigado a não te dar atenção.

Adeus, volta com melhor música.

(Sai.)

APEMANTO · Que seja!

Se não queres ouvir-me agora, nunca
 virás a ouvir-me; tranco-te a ventura.

Por que há de surdo ser o ouvido são
 só ao conselho, não à adulação?

(Sai.)

Ato II • Cena I

Atenas. Quarto em casa de um senador. Entra um senador com papéis na mão.

SENADOR • A Varro, cinco mil, recentemente; deve a Isidoro nove mil, há muito, além do quê a mim deve e que, em conjunto, perfazem vinte e cinco. O acesso infrene de gastos não se abate. Isso não pode continuar; é impossível. Se me falta dinheiro, roubo o cão a qualquer pobre e o ofereço a Timão; no mesmo instante, o cão me cunha moedas. Se negócio quiser fazer com meu cavalo e vinte comprar melhores que ele, basta dar-lho sem dizer nada, e, pronto: ele me pare ginetes primorosos. Em sua casa não há porteiro, mas uma pessoa sorridente que a todos os transeuntes convida para entrar. Durar não pode, não há razão que considere firme uma tal situação. — Cáfis! Olá. Cáfis! Estou chamando!

(Entra Cáfis.)

CÁFIS • Aqui presente, senhor. Que me ordenais?

SENADOR • Vai pôr o manto e corre à casa do senhor Timão. Com insistência cobra o que me deve, sem te deixares iludir com meras

evasivas, nem menos silenciares, se disser: “Recomenda-me ao teu amo”, fazendo que o chapéu na mão lhe gire, desta maneira. Não, declara-lhe que cobrado estou sendo e necessito recorrer ao que é meu. Já se venceram seus prazos todos, e a confiança cega que eu tinha em suas datas demoradas prejudicou-me o crédito. É verdade que o acato e venero, mas não posso quebrar a espinha pelo dedo dele. Minhas necessidades são urgentes, não podendo encontrar nenhum alívio em frases imprecisas, mas apenas em ajuda imediata. Parti logo, assumi um aspecto impertinente, cara de quem exige, pois receio que quando as penas forem restituídas às asas respectivas, vai a todos mostrar-se como um tolo depenado esse senhor Timão, que ora qual fênix ataviado se mostra. Parti logo.

CÁFIS • Já vou, senhor.

SENADOR • “Já vou, senhor?” As letras precisareis levar, tomando nota dos vencimentos.

CÁFIS • Bem, senhor.

SENADOR • Parti.

(Saem.)

Ato II • Cena II

O mesmo. Uma sala em casa de Timão. Entra Flávio, com muitas contas na mão.

FLÁVIO • Nem cuidado, nem freio. Nas despesas tão sem medida e senso, que impossível lhe será continuar do mesmo modo ou pôr cobro em tamanha extravagância. Pouco lhe importam como as coisas marcham; não procura remédio para diante. Jamais se viu a insensatez unida

a tamanha bondade. De tudo isso que irá sair? Só prestam ouvidos, quando sentir na própria pele. Logo que ele voltar da caça vou falar-lhe com a máxima franqueza. Que pecado!

(Entram Cáfis e os criados de Isidoro e Varro.)

CÁFIS • Bom dia, Varro. É assunto de dinheiro que vos traz até aqui?

CRIADO DE VARRO • E não sucede convosco a mesma coisa?

CÁFIS · Certamente.
 E convosco, Isidoro?
 CRIADO DE ISIDORO · A mesma coisa.
 CÁFIS · Quem dera que nos despachassem logo!
 CRIADO DE VARRO ·
 Mantenho minhas dúvidas.
 CÁFIS · É o dono
 da casa que retorna.
 (*Entram Timão, Alcibíades, nobres etc.*)

TIMÃO · Terminado o jantar, meu Alcibíades,
 de novo partiremos. — É comigo?
 Que desejais?

CÁFIS · Aqui vos trouxe a conta,
 senhor, de algumas dívidas...

TIMÃO · De dívidas?
 De onde sois?

CÁFIS · Sou de Atenas, daqui mesmo,
 nobre senhor.

TIMÃO · Falai com o intendente.

CÁFIS · Com licença de Vossa Senhoria,
 mas durante este mês, dia por dia
 ele tem protelado o pagamento.

Meu amo se acha em grande aperto, vendo-se
 obrigado a apelar para o que é dele.

Por isso, humildemente vos suplica
 que de acordo com vossas nobres partes
 procedereis com ele com justiça,
 devolvendo o que é dele.

TIMÃO · Honesto amigo,
 por favor, vem falar-me amanhã cedo.

CÁFIS · Não, bondoso senhor.

TIMÃO · Contém-te, amigo.

CRIADO DE VARRO ·
 Um dos criados de Varro, meu senhor...

CRIADO DE ISIDORO ·
 E eu, de Isidoro, que vos pede, humilde,
 pronta liquidação de vossa dívida.

CÁFIS · Se soubésseis, senhor, como meu amo
 se acha necessitado...

CRIADO DE VARRO · Ele se encontra,
 há mais de seis semanas, em perigo
 de confiscados ver os seus haveres.

CRIADO DE ISIDORO ·
 Vosso intendente, meu senhor, protela
 dia por dia. Assim, recebi ordem
 de entender-me com Vossa Senhoria.

TIMÃO · Deixai-me respirar.

Concito-vos, senhores: ide adiante.
 Dentro de alguns momentos vos alcanço.

(*Saem Alcibíades e os nobres.*)

(*A Flávio.*) Vinde cá. Em que mundo nos achamos,
 para eu ser assaltado por tamanhas
 reclamações de dívidas, de contas
 já vencidas há muito, com prejuízo
 tão grande de minha honra?

FLÁVIO · Desculpai-me,
 senhores, mas a ocasião é imprópria
 para tratarmos disso. Deixai vossas
 reclamações para depois da ceia,
 até que eu possa demonstrar a Sua
 Senhoria a razão de não pagarmos.

TIMÃO · Fazei assim, amigos. Cuidai deles;
 que sejam bem tratados.

(*Sai.*)

FLÁVIO

Vinde todos.

(*Sai.*)

(*Entram Apemanto e o bobo.*)

CÁFIS · Parai! Parai! Aí vem vindo o bobo e
 Apemanto.

Divirtamo-nos um pouco com eles.

CRIADO DE VARRO · Ele que se enforque! Só nos
 injuriará.

CRIADO DE ISIDORO · A peste que leve esse cão!

CRIADO DE VARRO · Como vais, bobo?

APEMANTO · Estás conversando com tua própria
 sombra?

CRIADO DE VARRO · Não, falei contigo.

APEMANTO · Não, foi contigo mesmo. (*Ao bobo.*)
 Vamos embora.

CRIADO DE ISIDORO · (*ao criado de Varro*) · Já estais
 com o louco pendurado no pescoço.

APEMANTO · Não; está só; não te penduraste nele.

CÁFIS · Agora quem será o louco?

APEMANTO · O que perguntou por último. Pobres-
 diabos, criados de usurários, alcoviteiros entre o
 ouro e a necessidade.

TODOS OS CRIADOS · Que somos, Apemanto?

APEMANTO · Asnos.

TODOS OS CRIADOS · Por quê?

APEMANTO · Porque me perguntais o que sois, sem
 vos conhecerdes. Fala com eles, bobo.

BOBO · Como passais, cavalheiros?

TODOS OS CRIADOS · *Grand merci*, bondoso bobo.

E vossa senhora, como vai passando?

BOBO · Está justamente aquecendo água para pelar uns pintos da vossa espécie. Desejara ver-vos em Corinto.

APEMANTO · Bem. *Grand merci.*

(Entra o pajem.)

BOBO · Vede! Aí vem o pajem de minha senhora.

PAJEM *(ao bobo)* · Então, capitão, como passais? Que fazeis em tão sábia companhia?

E tu, Apemanto, como vais?

APEMANTO · Desejara ter na boca um bastão, para responder-te com vantagem.

PAJEM · Apemanto, por obséquio, lê para mim o endereço destas cartas; já não os distingo.

APEMANTO · Não sabes ler?

PAJEM · Não.

APEMANTO · Então, é certeza que no dia em que fores enforcado não morrerá grande erudição. Esta é para o senhor Timão; esta, para Alcibíades. Nascestes bastardo e morrerás alcoviteiro.

PAJEM · E tu foste parido por uma cadela e vais morrer de fome como um cão. Não me respondas, que já estou longe.

(Sai o pajem.)

APEMANTO · É assim mesmo que foges da graça.

Bobo, irei convosco à casa do senhor Timão.

BOBO · Pretendeis deixar-me lá?

APEMANTO · Se Timão estiver em casa. Vós três servis a três onzeneiros?

TODOS OS CRIADOS · Sim. Quem dera que fossem eles que nos servissem!

APEMANTO · Ou eu, e tão bem como o carrasco serve ao ladrão.

BOBO · Sois criados de três onzeneiros?

TODOS OS CRIADOS · Sim, bobo.

BOBO · Creio que não há onzeneiro que não tenha um bobo como criado. Minha ama é onzeneira e eu sou o bobo dela. Quando alguém vai pedir dinheiro emprestado a vossos amos, chega-se para eles com fisionomia triste e afasta-se alegre. Mas em casa de minha ama todos entram alegres e se retiram tristes. Sabeis a razão dessa diferença?

CRIADO DE VARRO · Penso que conheço uma razão.

APEMANTO · Então apresenta-a para que possamos considerar-te um biltre e desclassificado, com o que, aliás, nada perderás no conceito de todos.

CRIADO DE VARRO · Que é um desclassificado,

bobo?

BOBO · Um bobo bem-vestido, que se parece um pouco contigo. É um espírito. Às vezes toma a aparência de um senhor; às vezes, de um jurista; outras vezes, de um filósofo com duas pedras a mais do que a pedra filosofal. Muitas vezes, também, parece-se com um cavaleiro. Em resumo, é um espírito que vagueia por aí sob todas as formas que os homens assumem dos trinta aos oitenta anos.

CRIADO DE VARRO · Não és inteiramente bobo.

BOBO · Nem tu, inteiramente sábio; quanto me falta de loucura, falta-te de juízo.

APEMANTO · Essa resposta é digna de Apemanto.

TODOS OS CRIADOS · Afastai-vos! Afastai-vos! Aí vem vindo o senhor Timão.

(Entram Timão e Flávio.)

APEMANTO · Vem comigo, bobo. Vem.

BOBO · Nem sempre me ligo a namorados, a irmão mais velho e a mulheres. Algumas vezes ligo-me aos filósofos.

(Saem Apemanto e o bobo.)

FLÁVIO · Saí, vos peço. Logo vos procuro.

(Saem os criados.)

TIMÃO · Deixais-me estupefacto. Por que causa não me expusestes antes a verdade de minha situação? Então, teria procurado cingir-me, nas despesas, à renda do momento.

FLÁVIO · Não quereis ouvir-me, quando vos falava nisso.

TIMÃO · Ora, ora! Com certeza só me vínheis falar sobre isso em ocasião imprópria, do que ora vos valeis para escusar-vos.

FLÁVIO · Oh bondoso senhor! Todas as vezes que eu vos trazia as contas, vós as púnheis de lado, declarando que confiáveis em minha honestidade. Quando, em troca de algum presente fútil, me dizíeis que desse tanto, eu sacudia a fronte e punha-me a chorar. Sim, até mesmo contra toda a decência, vos pedia que fechásseis a mão. Bastantes vezes suportei reprimendas não pequenas, sempre que vos expunha a maré baixa de vosso estado e a cheia irreprimível de vossos compromissos. Meu querido senhor, embora me escuteis — tão tarde! —

terei de vos dizer que tudo quanto possuís não chegará ainda para pagar metade, só, de vossas dívidas.

TIMÃO · Mandai vender todas as minhas terras.

FLÁVIO · Hipotecadas estão todas, umas já com prazo vencido, e, assim, perdidas, e o que ficou dificilmente pode tapar a boca ao resto dos credores. Os prazos se sucedem. Que faremos nesse em meio com os outros? E nós próprios, como iremos viver?

TIMÃO · Até a Lacônia meus terrenos se estendem.

FLÁVIO · Bondoso amo, o mundo é uma palavra, simplesmente. Fosse ele vosso, como se esfaria num sopro, quando o désseis!

TIMÃO · É verdade.

FLÁVIO · Se de minha gestão tendes suspeita, chamai-me à frente dos mais graves juízes, para que eu preste contas. Pelos deuses o juro: quando nossas salas todas de parasitas bêbedos se enchem, quando às freqüentes libações de vinho nossas adegas a chorar se punham, quando todos os quartos rebrilhavam de luzes e atroavam com cantigas: uma calha vazia eu procurava, porque abrisse dos olhos a represa.

TIMÃO · Por obséquio, é o bastante.

FLÁVIO · Céus! dizia, a prodigalidade de meu amo! Quantos nacos valiosos engoliram escravos e labregos esta noite! Quem não é de Timão? Que bens, recursos, cabeça, coração não lhe pertencem? Grande Timão, nobre, real Timão, digníssimo Timão! Ah! e ao sumirem-se as riquezas que compram tais louvores, some-se o sopro que os havia feito. Ganho na mesa, no jejum, perdido. Um dia, só, de inverno, e as moscas morrem.

TIMÃO · Bem, basta de sermão. Baixeza alguma jamais teve acolhida no meu peito. Com imprudência dei; não, sem nobreza. Por que choras? Careces de bom senso, para recear que de futuro eu possa ter penúria de amigos? Não; acalma-te.

Se o vinho da amizade eu procurasse fazer correr e os corações, por meio de empréstimos, sondar, dos homens todos e de seus bens eu disporia, como posso dizer que fales.

FLÁVIO · Que a evidência vos abençoe a crença.

TIMÃO · De algum modo considero abençoada essa abertura, pois graças a ela poderei agora pôr à prova os amigos. Heis de em breve vos convencer de que subestimastes meus haveres: sou rico em meus amigos. Venha um daí! Flamínio! Olá, Servílio!

(Entram Flamínio, Servílio e outros criados.)

CRIDADOS · Senhor! Senhor!

TIMÃO · Vou mandar cada um para um ponto. Vós, para o senhor Lúcio; vós, para Lúculo; hoje mesmo cacei com Sua Honra. Vós, para Semprônio. Recomendai-me a suas simpatias. Sinto-me orgulhoso, dizei-lhes, por permitir-me a ocasião recorrer a eles para um empréstimo de dinheiro. Necessito de cinquenta talentos.

FLAMÍNIO · Farei como o ordenastes, senhor.

FLÁVIO *(à parte)* · O senhor Lúcio? Lúculo? Hum!

TIMÃO *(a outro criado)* ·

Ide, senhor, depressa aos senadores.

Por tudo que ao Estado tenho feito mereço que me atendam neste instante.

Dizei-lhes que me mandem mil talentos.

FLÁVIO · Tomei a liberdade — pois certeza tinha de que esse era o caminho certo — de usar vossa chancela e vosso nome para esse fim; mas eles a cabeça sacudiram, tendo eu de lá voltado não mais rico do que antes.

TIMÃO · É verdade? Será possível?

FLÁVIO · Todos são unânimes, a uma voz, na resposta: que se encontram muito por baixo; os cofres, sem dinheiro, e que fazer não podem quanto queiram. Pesarosos estão; sois muito honrado... mas desejaram... porém não sabiam... Algo foi feito errado... Uma pessoa correta também pode ter reverses... Se tudo se arranjasse. É pena! É pena! Desse modo, alegando assuntos sérios,

com olhares de esguelha, que essas frases truncadas sublinhavam, cumprimentos pela metade e sacudidas frias de cabeça, na língua me fizeram congelar a palavra.

TIMÃO · Recompensai-os, deuses! Fica alegre, camarada! Coragem! Nesses tipos a ingratidão é hereditária. O sangue neles é frio, duro; nunca flui.

Por faltar-lhes calor não são bondosos.

Voltado para a terra o crescimento, torna-se a natureza como viagem quase no término: pesada e apática.

(*A um criado.*)

Vai procurar Ventídio. (*A Flávio.*) Por obséquio, não fiques triste; és verdadeiro e honesto. Com franqueza o declaro: não mereces

censura alguma. (*Ao criado.*) Não faz muito tempo perdeu Ventídio o pai, com cuja morte ele herdou grande estado. Quando pobre se achava, na prisão e sem amigos, fui livrá-lo e paguei cinco talentos. De minha parte dá-lhe cumprimentos. Dá-lhe a entender que assunto muito sério atingiu seu amigo, despertando nele a lembrança desse antigo empréstimo, desses cinco talentos.

(*Sai o criado.*)

(*A Flávio.*)

Não discutas,

nem alegar me venhas que há perigo, que Timão cair possa, tendo amigo.

FLÁVIO · Quisera assim pensar; tendo a alma boa, julgo boa também qualquer pessoa.

(*Saem.*)

Ato III · Cena I

Atenas. Um quarto em casa de Lúculo.

Flamínio está à espera. Entra um criado.

CRIADO · Já vos anunciei ao meu amo: descera neste instante.

FLAMÍNIO · Obrigado, senhor.

(*Entra Lúculo.*)

CRIADO · Aqui está meu amo.

LÚCULO (*à parte*) · Um dos homens do senhor Timão? Garanto que é algum presente. Sim, acertei. Sonhei esta noite com uma bacia e um jarro de prata. (*Alto.*) Flamínio, meu honesto Flamínio! Sois respeitosamente bem-vindo, senhor. (*Ao criado.*) Vai buscar vinho. (*Sai o criado.*) Como vai passando esse respeitável, perfeito e magnânimo gentil-homem de Atenas, teu muito generoso senhor e mestre?

FLAMÍNIO · Está bem de saúde, senhor.

LÚCULO · Alegra-me saber que está bem de saúde, senhor. E que é que trazes debaixo do manto, meu galante Flamínio?

FLAMÍNIO · Em verdade, senhor, apenas uma caixa vazia, que em nome de meu amo venho pedir que enchais. Tendo urgente necessidade de cinquenta talentos, recorre a Vossa Senhoria, nesse sentido,

não duvidando de vossa boa vontade em auxiliá-lo. **LÚCULO** · Lá, lá, lá, lá! “Não duvidando”, disse ele? Oh! Deus bondoso! Que nobre gentil-homem, se não fosse querer manter uma casa tão luxuosa! Muitas e muitas vezes almocei com ele e lhe falei sobre isso e voltei para jantar, somente com a intenção de convencê-lo a gastar menos. Ele, porém, não aceitava conselho, nem considerava como avisos minhas visitas. Todos nós temos defeitos; o dele é a liberalidade. E o que lhe dizia sempre, sem jamais poder corrigi-lo.

(*Volta o criado com vinho.*)

CRIADO · Conforme Vossa Senhoria ordenou, aqui está o vinho.

LÚCULO · Flamínio, sempre te tive na conta de um rapaz esperto. Bebo à tua saúde.

FLAMÍNIO · É Vossa Senhoria que se compraz em afirmar tal coisa.

LÚCULO · Sempre observei em ti um espírito vivo e de fácil apreensão — faço-te justiça, simplesmente. — Compreendes o que seja uma conduta razoável; sabes condescender com o tempo, quando o tempo condescende contigo. São excelentes qualidades.

(*Ao criado.*) Chega-te para mais perto, honesto Flamínio. Teu amo é um gentil-homem generoso,

mas tu és inteligente e sabes perfeitamente, embora me tivesses procurado para isso, que não estamos em tempo de emprestar dinheiro, máxime por simples amizade, sem nenhuma segurança. Toma estas três moedinhas, bom menino; fecha os olhos e dize que não me encontre. Passa bem.

FLAMÍNIO · Como! Será possível que se tenha transformado a tal ponto a humanidade, sem que deixássemos de ser o que éramos? Baixeza infame, volta novamente para quem te cultua.

(Atira para longe o dinbeiro.)

LÚCULO · Ah! Ah! Percebo agora que não passas de um tolo, muito de acordo com teu amo.

(Sai.)

FLAMÍNIO · Que vão servir para aumentar o caldo em que vais ser fervido! Que te caiba

como castigo, em moedas derretidas seres metido, oh tu, doença de amigo, não amigo sincero. Porventura tem a amizade um coração tão fraco, que numa noite, um pouco mais, se muda? Oh deuses! Sinto do meu amo a cólera. Este canalha ainda tem no estômago o que comeu em casa de meu amo. Por que há de em alimento isso tomar-se, quando ele próprio já virou veneno? Oh! que se mude tudo, tudo, em doença. E que, no instante de morrer, quanto ele tiver no corpo, pago por meu amo, não sirva para devolvê-lo ao dia, senão para aumentar sua agonia.

(Sai.)

Ato III · Cena II

O mesmo. Uma praça pública.

Entra Lúcio, com três estrangeiros.

LÚCIO · Quem? O senhor Timão? É um excelente amigo, um honrado cavalheiro.

PRIMEIRO ESTRANGEIRO · Temo-lo nessa conta, muito embora lhe sejamos estranhos. Mas posso asseverar-vos uma coisa, meu senhor, que eu soube do rumor público: as belas horas do senhor Timão já soaram e desapareceram, e sua fortuna se desmancha a seus pés.

LÚCIO · Qual nada! Não deis crédito a semelhante coisa.

Ele não pode estar passando aperto de dinheiro.

SEGUNDO ESTRANGEIRO · Mas podeis crer, senhor, que há pouco tempo um dos seus homens procurou o senhor Lúculo para pedir emprestado não sei quantos talentos, sim, e até mesmo insistiu no pedido e falou-lhe da premência de sua situação, apesar do que não conseguiu o que desejava.

LÚCIO · Como!

SEGUNDO ESTRANGEIRO · É o que vos digo, senhor, foram-lhe negados.

LÚCIO · Que coisa estranha! Oh! pelos deuses, sinto-me envergonhado com isso. Negar-se a servir a um homem tão honrado! Com isso revela

pouco sentimento de honra. Por minha parte, devo confessá-lo, recebi dele algumas pequenas delicadezas, como dinheiro, baixelas de prata, jóias e outras ninharias que tais, que nada significam em comparação com tudo o que Lúculo recebeu. Mas, se em lugar de dirigir-se a ele, me tivesse procurado, não lhe teria recusado os talentos de que necessitava.

(Entra Servílio.)

SERVÍLIO · Oh! que sorte! Ali está o nobre Lúcio. Suei para encontrá-lo. *(A Lúcio)* Honrado senhor!

LÚCIO · Servílio! Feliz encontro. Salve! Recomenda-me ao teu honrado e virtuoso amo, meu fidelíssimo amigo.

SERVÍLIO · Com permissão de Vossa Senhoria, meu amo mandou...

LÚCIO · Oh! Que foi que ele mandou? Devo-lhe tantas obrigações! Ele manda sempre.

Dize-me: de que modo poderei agradecer-lhe? E que foi que ele mandou agora?

SERVÍLIO · Agora, meu senhor, vos envia apenas a sua premente necessidade, pedindo a Vossa Senhoria que o socorra emprestando-lhe os talentos aqui indicados.

LÚCIO · Vejo que ele graceja, pois não pode necessitar de cem, de mil talentos.

SERVÍLIO · Mas de menos, senhor, precisa agora.

Se não fosse a premência do momento não vos falara com tamanho empenho.
LÚCIO · Estás falando sério, Servílio?
SERVÍLIO · Por minha alma, senhor, é a verdade.
LÚCIO · Que animal ingrato fui eu, com deixar-me desprevenido de dinheiro em uma ocasião tão oportuna, em que poderia demonstrar que sou um homem de bem! Que falta de sorte ter comprado ontem uma pequena propriedade, para vir a perder tanta porção de honra! Servílio, invoco o testemunho dos deuses em como não estou em condições de ir em socorro dele. Maior animal, ainda, deveria dizê-lo. Agora mesmo tencionava recorrer ao senhor Timão, como estes cavalheiros poderão dar testemunho. Mas agora, por todo o tesouro de Atenas, não desejaria tê-lo feito. Recomenda-me generosamente a Sua Senhoria. Espero que Sua Honra há de fazer de mim um conceito elevado, por não estar em minhas forças prestar-lhe uma gentileza neste momento. Dize-lhe de minha parte que considero uma das maiores aflições que poderiam atingir-me não poder servir a um cavalheiro tão honrado. Meu bom Servílio, podereis demonstrar-me a amizade que me tendes com transmitir-lhe as minhas próprias palavras?
SERVÍLIO · Perfeitamente, senhor.
LÚCIO · Não me esquecerei, Servílio, de mostrar-vos o meu reconhecimento.

(Sai Servílio.)

Certo falastes. O senhor Timão escorregando vai; já está no chão.

(Sai.)

PRIMEIRO ESTRANGEIRO ·

Notastes isso, Hostílio?

SEGUNDO ESTRANGEIRO · Muito bem.

PRIMEIRO ESTRANGEIRO ·

Assim é a alma do mundo, e desse mesmo pano são feitos os adulares.

Dai o nome de amigo a quem no mesmo prato convosco come! Pois, por tudo quanto sei, foi Timão para este nobre um verdadeiro pai. Com sua bolsa livrou-o da falência, sustentando seu próprio estado. Mais: era o dinheiro de Timão que pagava os ordenados dos criados dele. Nunca Lúcio bebe sem que os lábios lhe toquem as baixelas de prata de Timão. Oh! vede como monstruoso é o homem, quando assume a forma da ingratidão! O que ora lhe denega, comparado ao que dele recebeu, é como esmola que aos mendigos damos.

TERCEIRO ESTRANGEIRO ·

Com isso geme o sentimento pio.

PRIMEIRO ESTRANGEIRO ·

No que me toca, nunca, em toda a vida, fui alvo da bondade dele, para seu amigo chamar-me. Não obstante, solenemente o afirmo: dada a sua nobreza de caráter, o sentido tão alto da virtude e tão honrado coração: se houvesse ele recorrido, nesta premência, a mim, sacrificara tudo quanto possuo, porque a parte melhor pudesse retomar para ele, a tal ponto aprecio seu caráter. Mas vejo agora que é preciso sermos poupados até mesmo na piedade; o egoísmo domina a caridade.

(Saem.)

Ato III · Cena III

O mesmo. Um quarto em casa de Semprônio. Entra Semprônio com um criado de Timão.

SEMPRÔNIO ·

Por que me importunar antes de todos?
 A Lúculo devera, antes, ou a Lúcio ter recorrido. Sim, Ventídio, que ele retirou da prisão, e que ora é rico.

Todos esses lhe devem quanto têm.

CRIADO · Senhor, provados foram todos eles, mas de baixa mistura se mostraram, recusando-lhe o empréstimo.

SEMPRÔNIO · Que dizes!

Recusaram-lhe o empréstimo? Lúculo, Ventídio se escusaram? E é por isso que ele ora me procura? Hum! Todos eles?

Isso revela nele grande falta de amizade e de juízo. Seu recurso derradeiro sou eu? Tal como médicos, três vezes os amigos o abandonam, e eu terei de curá-lo? Grave ofensa me fez com isso; estou muito zangado, por me haver desprezado desse modo. Não sei qual a razão de não ter ele vindo falar-me antes de todos nessa premente situação, pois, em consciência, fui o primeiro a receber presentes da parte dele. E agora ele coloca-me tão para trás, a ponto de por último procurar-me para isso? Não; seria fazer de mim objeto de risadas de todo o mundo, transformar-me em tolo no meio da nobreza. Desejara que três vezes mais que isso ele pedido me tivesse, porém a mim primeiro, tal o anseio que tenho de servi-lo. Assim, podes voltar e dize-lhe isto:

quem me tira da honra uma fasquia, não verá meu dinheiro nenhum dia.

(Sai.)

CRIADO · Incomparável! Vossa Senhoria não passa de um grandíssimo velhaco. O diabo não sabia o que estava fazendo, quando fez astucioso o homem. Com isso estragou sua própria obra. Estou convencido de que, no fim de contas, as vilanias dos homens vão deixá-la reabilitado. Com que aprumo este senhor se esforça para parecer velhaco! Invoca pretextos virtuosos para ser malvado, como esses indivíduos que, sob a capa de zelo religioso, lançam fogo em reinos inteiros. Seu amor astucioso é desse jeito. Nele era que Timão depositava a melhor esperança. Ora fugiram todos, menos os deuses. Já sumiram, quais mortos, os amigos. Suas portas que ferrolhos jamais tinham provado, ora têm de fechar-se, para guarda segura de seu dono. Eis o que ensina a liberalidade: a casa guarda quem na fortuna confiou bastarda.

(Sai.)

Ato III · Cena IV

O mesmo. Uma sala em casa de Timão.

Entram dois criados de Varro e o criado de Lúcio, que encontram Tito, Hortênsio e outros criados de outros credores, que estão à espera de Timão.

PRIMEIRO CRIADO DE VARRO ·

Bom encontro. Bom dia, Tito e Hortênsio.

TITO · O mesmo vos desejo, Varro amigo.

HORTÊNSIO · Lúcio! Como! Acertamos de encontrar-nos?

CRIADO DE LÚCIO · Sim, e, segundo penso, um só assunto nos reuniu; o meu é de dinheiro.

TITO · E assim, o nosso, como o deles todos.

(*Entra Filoto.*)

CRIADO DE LÚCIO · E o do senhor Filoto.

FILOTO · Para todos muito bom dia.

CRIADO DE LÚCIO · Mano, sois bem-vindo.

Que horas pensais que seja?

FILOTO · Quase nove.

CRIADO DE LÚCIO ·

Tão tarde, assim?

FILOTO · E o meu senhor, acaso já se mostrou a alguém?

CRIADO DE LÚCIO · Ainda não.

FILOTO · Isso me espanta, que ele costumava desde cedo brilhar.

CRIADO DE LÚCIO · Sim, mas seus dias tornaram-se mais curtos. Vede, amigos: a carreira do pródigo, assemelha-se à do sol, sem, contudo, renovar-se como a daquele. Temo que na bolsa de Timão seja inverno, isto é: podemos enfiar toda a mão nela, para acharmos no fundo quase nada.

FILOTO · Compartilho de vosso medo nisso.

TITO · Agora observo fato mais do que estranho. Aqui mandou-vos vosso amo, acaso, para cobrar dívida?

HORTÊNSIO · Justamente.

TITO · No entanto ele consigo traz jóias, por Timão oferecidas, e cujo pagamento ora eu reclamo.

HORTÊNSIO · A contragosto o faço.

CRIADO DE LÚCIO · É extraordinário!

Tomai nota do caso. Timão paga muito mais do que deve. E justamente como se usasse jóias mui custosas vosso amo e o pagamento delas todas de Timão reclamasse.

HORTÊNSIO · Esta incumbência me repugna, ante os deuses o declaro.

Usa meu amo as jóias de Timão; não é papel de ingrato, é de ladrão.

PRIMEIRO CRIADO DE VARRO ·

A minha nota é de três mil coroas. E a vossa?

CRIADO DE LÚCIO · Cinco mil.

PRIMEIRO CRIADO DE VARRO · É muita coisa.

Pelo que se deduz dessa quantia,

tinha vosso amo mais confiança nele

do que o meu. Não fora isso, certamente

a dívida dos dois se igualaria.

(Entra Flamínio.)

TITO · Um dos criados do senhor Timão.

CRIADO DE LÚCIO ·

Flamínio! Cavalheiro, uma palavra:

o senhor já está pronto para sair?

FLAMÍNIO · Ainda não.

TITO · Estamos à espera de Sua Senhoria. Por obséquio, comunica-lhe isso.

FLAMÍNIO · Não precisarei dizer-lhe isso, porque ele sabe que sois muito esforçados.

(Sai Flamínio.)

(Entra Flávio, embuçado no manto.)

CRIADO DE LÚCIO · Oh! Não será o intendente dele que se esgueira embuçado? Vai sumir-se numa nuvem. Chamai-o.

TITO · Estais ouvindo, senhor?

SEGUNDO CRIADO DE VARRO ·

Com vossa permissão, senhor.

FLÁVIO · Que desejais de mim, caros amigos?

TITO · Aqui à espera estamos de uma certa quantia, meu senhor.

FLÁVIO · Sim, se a quantia fosse tão certa quanto vossa espera, com ela contaríeis.

Por que não nos trouxestes vossas contas, quando todos os vossos amos falsos se fartavam na mesa de meu amo?

Então, sorrir podiam, fazer festas às próprias contas e meter nas fauces insaciáveis os juros. Apertando-me desse modo perdeis o vosso tempo. Sair deixai-me em paz. Posso afiançar-vos: a minha caixa e dele já está pronta; gastar Timão não pode; eu, fazer conta.

CRIADO DE LÚCIO ·

Sim, mas essa resposta não nos serve.

FLÁVIO · Se não serve é melhor do que vós todos, [pois servis a velhacos.

(Sai.)

PRIMEIRO CRIADO DE VARRO · Que é que está resmungando este senhor despedido?

SEGUNDO CRIADO DE VARRO · Pouco importa; está pobre, e isso já é castigo suficiente. Quem tem mais direito de falar com liberdade do que quem não tem casa para enfiar a cabeça? Deixemo-lo deblaterar contra os palácios.

(Entra Servílio.)

TITO · Oh! Aqui está Servílio. Agora vamos obter alguma resposta.

SERVÍLIO · Cavalheiros, se quisésseis ter a gentileza de voltar outra hora, eu vos ficaria imensamente agradecido, porque, por minha alma, meu amo está neste momento de muito mau humor. Perdeu a sua serenidade costumeira; está gravemente doente, não podendo sair do quarto.

CRIADO DE LÚCIO ·

Há muita gente que não sai do quarto, sem, por isso, estar doente. Mas, se acaso ele estiver tão indisposto, mesmo, razão a mais para pagar as dívidas e clarear o caminho para os deuses.

SERVÍLIO · Deuses bondosos!

TITO · Não aceitaremos, senhor, essa resposta.

FLAMÍNIO *(dentro)* · Aqui, Servílio!

Socorro! Meu senhor!

(Entra Timão, num acesso de furor; Flamínio o segue.)

TIMÃO ·
 Como! Barram-me os passos minhas portas?
 Sempre fui livre; e agora minha própria
 casa em meu inimigo se transforma,
 pondo-me peias, como em negro cárcere?
 O lugar em que eu dei tão grandes festas
 mostra-me agora, como todo mundo,
 um coração de ferro?

CRIADO DE LÚCIO · Tito, fala-lhe agora.

TITO · Aqui está minha conta, senhor.

CRIADO DE LÚCIO · E aqui a minha.

HORTÊNSIO · E a minha, senhor.

OS DOIS CRIADOS DE VARRO · E a nossa, senhor.

FILOTO · Todas as nossas contas.

TIMÃO · Enfiai-me todas pela goela abaixo,
 para que eu arrebente.

CRIADO DE LÚCIO · Oh, meu senhor!

TIMÃO · Cortai-me o coração em muitas contas.

TITO · De cinqüenta talentos é esta nota.

TIMÃO · Tirai-me o sangue.

CRIADO DE LÚCIO · Cinco mil coroas,
 senhor...

TIMÃO · Cinco mil gotas vão pagá-la.
 E a vossa? E a vossa?

PRIMEIRO CRIADO DE VARRO · Meu senhor!

SEGUNDO CRIADO DE VARRO · Meu senhor!

TIMÃO · Picai-me em pedacinhos e que os deuses
 caiam sobre vós todos. *(Sai.)*

HORTÊNSIO · Por minha fé, percebo agora que
 nossos amos podem tirar o chapéu para o dinheiro
 deles. Podemos chamar de desesperadas essas
 dívidas, porque o devedor é louco. *(Saem.)*
(Voltam Timão e Flávio.)

TIMÃO · Deixaram-me sem fôlego os escravos.
 Credores! Para o inferno!

FLÁVIO · Meu caro amo...

TIMÃO · E se eu fizesse assim?

FLÁVIO · Caro senhor...

TIMÃO · Isso! Farei assim. Meu intendente!

FLÁVIO · Aqui, senhor.

TIMÃO · Tão prontamente! Vai; convida todos
 os meus amigos novamente: Lúculo,
 Lúcio, Semprônio, todos. Quero ainda
 uma vez festejar esses patifes.

FLÁVIO · Oh meu senhor! É o vosso estado d'alma
 que vos leva a falar dessa maneira.
 Não nos sobrou nem mesmo o suficiente
 para aprestarmos uma mesa simples.

TIMÃO · Não te preocupes; vai. Que novamente
 suba a maré dos biltres. O dinheiro
 e o resto toca a mim e ao cozinheiro. *(Saem.)*

Ato III · Cena V

*O mesmo. A casa do Senado.
 Os senadores estão reunidos.*

PRIMEIRO SENADOR ·
 Senhor, esse é o meu voto; sua falta
 foi sanguinária. Assim, é necessário
 que ele venha a morrer. Mais atrevido
 deixa o crime a clemência.

SEGUNDO SENADOR · É certo, é certo;
 cumpre que a lei o esmague sem demora.
(Entra Alcibíades, com séquito.)

ALCIBÍADES · Honra, saúde e compaixão a todos!

PRIMEIRO SENADOR · Que quereis, capitão?

ALCIBÍADES · Um suplicante sou de vossas altas
 virtudes, que a clemência é a verdadeira

virtude da justiça. Só os tiranos
 a aplicam com crueldade. Foi do agrado
 do tempo e da fortuna, a um certo amigo
 meu oprimirem, que, de sangue quente,
 caiu na lei, que é báratro insondável
 para os incautos que mergulham nela.
 Se de lado pusermos este caso,
 é um homem de virtudes excelentes.
 Não lhe manchou o peito a covardia —
 honrosa circunstância, que o redime —
 Não; com nobre furor e altivo espírito,
 vendo a reputação baquear, ferida,
 enfrentou o inimigo.
 E com moderação fria e impassível
 soube conter a cólera, tal como

se demonstrasse um simples argumento.

PRIMEIRO SENADOR ·

Propõe-vos um grande paradoxo, procurando dar graça a ação tão feia. Tanto trabalho tem vosso discurso — quer parecer-nos — como se visasse somente a enobrecer o crime e foros de valor dar ao gênio desordeiro, que, em verdade, é valor degenerado, vindo ao mundo no instante em que nasceram as seitas e os partidos. Corajoso, de fato, é quem suporta sabiamente o que de pior a boca humana exala e que faz das injúrias que lhe atiram vestimenta exterior, tão-só, que este usa despreocupadamente, não deixando que o coração atinjam tais ofensas, para pô-lo em perigo. Se nos obriga a ofensa a dar a morte, não tem sentido a vida, não tem norte.

ALCIBÍADES · Meu senhor...

PRIMEIRO SENADOR ·

Não conseguis embelezar o crime; a vingança o assassino não redime.

ALCIBÍADES · Perdoai-me, então, senhores, se vos falo linguagem de soldado.

Por que os homens se expõem nos combates, mas não conseguem suportar ameaças?

Por que não dormem, calmos, permitindo,

sem resistência, que a garganta venha cortar-lhes o inimigo? Se há tão grande valor no sofrimento, que fazemos

nos campos militares? Nesse caso,

mais valentes que nós são as mulheres que em casa ficam, pois sofrer é mérito;

melhor soldado que o leão é o asno;

mais sábio do que os juizes é o facínora carregado de algemas, se prudência

houver no sofrimento. Oh meus senhores!

Já sois grandes; mostrai-vos generosos.

Quem não condenaria, quando calmo, a precipitação? Matar, convenho,

constitui o pecado mais hediondo;

mas em defesa — pelo céu! — é justo.

A cólera é impiedade, é muito certo;

mas há quem dela possa estar liberto?

Sob esse prisma avaliai seu crime.

SEGUNDO SENADOR · Falais inutilmente.

ALCIBÍADES ·

Inutilmente!

Os serviços prestados em Bizâncio por ele, e na Lacônia, bastariam para peitar-vos e salvar-lhe a vida.

PRIMEIRO SENADOR · Como assim?

ALCIBÍADES · Digo que vos prestou grandes serviços

tirando a vida a muitos inimigos.

Que valor demonstrou na última guerra!

Provam-no numerosas cicatrizes.

SEGUNDO SENADOR ·

Sim, com elas obteve grande espólio.

É estróina inveterado; tem um vício que lhe afoga a razão e em prisioneira transforma-lhe a coragem. Se inimigos

não tivesse, isso só fora bastante

para vir a vencê-lo. Nessa fúria

bestial foi visto cometer ultrajes

e provocar tumultos. Convencidos

estamos de que é muito perigosa

para todos sua vida indecorosa.

PRIMEIRO SENADOR · Preciso é que ele morra.

ALCIBÍADES · Oh duro fado! Poderia a morte ter no campo encontrado. Meus senhores,

se não por causa de seus próprios méritos — que seu braço direito poderia

resgatar-lhe a existência, sem fazê-lo

devedor de ninguém — sim, apenas

para vos decidir, juntai aos dele

todos os meus serviços. E sabendo

que vossas cãs honradas apreciam

boa caução, empenharei meu nome,

minhas vitórias todas para que ele

vos devolva o interesse. Se ele deve

à lei, por esse crime, a própria vida:

então, que a morrer venha num combate.

Se a lei é dura, a morte o não abate.

PRIMEIRO SENADOR ·

A lei representamos. Vai morrer.

Não insistais, sob pena de agastar-nos.

Quem sangue derramar, embora amigo

nos seja, ou irmão, terá igual castigo.

ALCIBÍADES · Terá de ser assim? Não; é impossível; reconheci-me, meus senhores.

SEGUNDO SENADOR · Como!

ALCIBÍADES ·

Lembraí-vos de quem sou.

TERCEIRO SENADOR · Quê?

ALCIBÍADES · Não consigo conceber que de mim vos esqueceste, porque junto de vós, por mais que faça, obter não possa tão pequena graça. Doem-me as cicatrizes.

PRIMEIRO SENADOR · Ameaçai-nos? Provocai-nos a cólera? É de poucas palavras mas de efeito duradouro: banimos-te de Atenas para sempre.

ALCIBÍADES · Eu, banido? Bani vossa estultícia; bani a usura que o senado mancha.

PRIMEIRO SENADOR · Se dentro de dois dias ainda Atenas te abrigar, pior sentença esperar deves. Quanto a ele, porque nosso humor se acalme, será executado agora mesmo.

(Saem os senadores.)

ALCIBÍADES · Que envelhecer os deuses vos permitam,

porque a viver chegueis como esqueletos, objeto de repulsa para todos que vos olharem. Desvairado a cólera me deixa. Derrotei os inimigos, enquanto eles contavam seu dinheiro e a juro escorchantes o emprestavam; eu, rico apenas de feridas grandes. E tudo só para isto? Será esse o linimento, acaso, que o usurário senado põe nos golpes de um soldado? Banimento! Está bem. Não me aborrece ver-me banido. Desse modo a minha cólera e meu furor vão ter motivo para atacar Atenas. Darei ânimo, assim, a minhas tropas descontentes e ganho corações. Causa é de orgulho sustentar luta aberta contra o Estado; súvel como os deuses é o soldado.

(Sai.)

Ato III · Cena VI

*O mesmo. Um quarto em casa de Timão.
Música. Mesa preparada, com criados à volta. Por diferentes portas entram diversos nobres, senadores e outras pessoas.*

PRIMEIRO NOBRE · Desejo-vos muito bom dia, senhor.

SEGUNDO NOBRE · O mesmo vos desejo. Sou de opinião que este nobre senhor quis apenas experimentar-nos naquele dia.

PRIMEIRO NOBRE · Era justamente com o que meus pensamentos se ocupavam, quando vos encontrei. Espero que ele não esteja tão por baixo como pretextou na prova que fez com seus amigos.

SEGUNDO NOBRE · Evidentemente, a julgarmos por esta nova festa.

PRIMEIRO NOBRE · É o que eu penso, também. Ele mandou-me um convite muito insistente, que negócios sérios me obrigaram a recusar. Mas ele me conjurou para que pusesse de parte tudo o mais, vendo-me eu, afinal, obrigado a comparecer.

SEGUNDO NOBRE · Eu também me encontrava em dívida com um assunto de muita importância; mas

ele não quis saber de ouvir desculpas. Aborreceu-me o fato de estar desprevenido de dinheiro, quando ele mandou pedir-me emprestado certa quantia.

PRIMEIRO NOBRE · Eu também sofro do mesmo mal, vendo agora em que pé as coisas estão.

SEGUNDO NOBRE · É o que se dá com todos os que estão aqui. Quanto foi que ele vos mandou pedir?

PRIMEIRO NOBRE · Mil moedas de ouro.

SEGUNDO NOBRE · Mil moedas!

PRIMEIRO NOBRE · E a vós?

TERCEIRO NOBRE · A mim, senhor, ele mandou... Mas aí vem ele chegando.

(Entra Timão, com séquito.)

TIMÃO · Saúdo-vos de todo o coração, meus dois gentis-homens. Como ides passando?

PRIMEIRO NOBRE · Do melhor modo possível, por ouvirmos boas notícias de Vossa Senhoria.

SEGUNDO NOBRE · A andorinha não segue o verão com mais alegria do que nós a Vossa Senhoria.

TIMÃO (*à parte*) · Nem com maior alegria deixa o inverno. Os homens são como esses pássaros do verão. — Cavalheiros, nosso jantar não vale tamanha demora. Por enquanto saciai os ouvidos com música,

Que vos deixem cobertos com sua lepra,
da cabeça até os pés, as numerosas
doenças dos animais, doenças dos homens.
Como! Já vais saindo? Mais de espaço?
Primeiro toma o teu remédio! Toma
também o teu! e o teu! Fica; vou dar-vos
dinheiro, não pedir-vos emprestado.

(*Atira-lhes as pratas.*)

Como! Todos se vão? Que doravante
festa não possa haver sem que um canalha
seja bem-vindo como o fogo à palha.
Atenas, abrasai-vos! Timão há de
ódio aos homens votar e à humanidade.

(*Sai.*)

(*Voltam os nobres, senadores etc.*)

PRIMEIRO NOBRE · Então, senhores?

SEGUNDO NOBRE · Como qualificais esse furor do
senhor Timão?

TERCEIRO NOBRE · Com a breca! Não vistes o meu
gorro?

QUARTO NOBRE · Perdi meu casaco.

PRIMEIRO NOBRE · Não passa de um louco,
governado pelo capricho do momento.

Há dias deu-me uma jóia, e agora a fez saltar do meu
chapéu. Não vistes minha jóia?

TERCEIRO NOBRE · Não vistes meu gorro?

SEGUNDO NOBRE · Aqui está ele.

QUARTO NOBRE · Aqui está meu casaco.

PRIMEIRO NOBRE · Não nos demoremos.

SEGUNDO NOBRE · Está louco.

TERCEIRO NOBRE · Senti-lhe a saraivada.

QUARTO NOBRE · Hoje dá jóias; amanhã, pancada.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena I

Fora dos muros de Atenas. Entra Timão.

TIMÃO · Ainda uma vez desejo contemplar-te.

Oh muro, que circundas esses lobos,
afunda-te na terra! Não protejas
Atenas doravante! Incontinentes
ficai, matronas! Filhos, rebelai-vos!
Loucos e escravos, arrancai dos bancos
os graves e enrugados senadores
e emiti opinião no lugar deles.

Vire-se num momento em lixo público
a virginal pureza, e que isso seja
feito à vista dos pais. Falidos, sede
firmes, não devolvendo coisa alguma;
antes cortai as goelas dos credores.

Servos, roubai, que vossos graves amos
não cessam de pilhar com mãos abertas,
servindo-se da lei. Vai para a cama
de teu amo, empregada, que a patroa
se encontra no bordel. Tira a muleta
de teu pai paralítico, menino
de dezesseis, e estoura-lhe os miolos.
Temor, piedade, reverência aos deuses,
paz, justiça, verdade, deferência
doméstica, descanso matutino,

vigilância pacífica, costumes,
instrução, profissões e ofícios vários,
jerarquias, usanças, leis vetustas:
confundi-vos no que vos for contrário.
Que impere a destruição. Pestes que os homens
exterminais, acumulai as vossas
febres terríveis e devastadoras
sobre Atenas, madura para a ruína.
Fria ciática, deixa os senadores
aleijados, porque nos membros mostrem
igual claudicação à dos costumes.
Na medula e no espírito dos moços,
luxúria, te insinua, porque possam
nadar contra a corrente da virtude
e na depravação se afoguem todos!
Sarnas e pústulas, poluí o seio
dos atenienses, para que a colheita
seja lepra geral. Que o hálito infecte
o hálito; desse modo a sociedade
será como a amizade: só veneno.
Só levarei de ti minha nueza,
cidade detestável. Toma isso
também de mim, com maldições sem conta.
Retira-se Timão para a floresta
onde as feras mais cruéis serão, decerto,

mais piedosas que toda a humanidade.
Sede, oh deuses! com todos sem piedade,
os de fora e os de dentro da cidade,

fazendo que o ódio de Timão aumente
de instante a instante contra toda a gente.
Amém.

(Sai.)

Ato IV • Cena II

Um quarto em casa de Timão.

Entra Flávio, com dois ou três criados.

PRIMEIRO CRIADO ·

Mestre intendente, onde o patrão se encontra?
Estaremos perdidos? Dispensados?
Não sobrou coisa alguma?

FLÁVIO · Oh meus amigos!
que poderei dizer-vos? Testemunhas
todos os deuses são de que me encontro
tão pobre quanto vós.

PRIMEIRO CRIADO · Oh! arruinar-se
uma casa como esta! Tão nobre amo
vir a cair! Tudo perdido, tudo,
sem que um amigo apenas lhe tomasse
pelo braço o destino e fosse com ele
um trecho do caminho.

SEGUNDO CRIADO · De igual modo
que volvemos as costas para o nosso
camarada que ao túmulo entregamos:
assim também todos os seus amigos
fogem de sua sorte sepultada,
jogando-lhe protestos vãos, no jeito
de bolsas sem dinheiro, enquanto o pobre
que só conta com o ar, com sua doença
repugnante, a pobreza, da qual fogem
todos os homens, vai sozinho agora,
como cheio de opróbrio. — Mais amigos!

(Entram outros criados.)

FLÁVIO · Utensílios quebrados, eles todos,
de uma casa arruinada.

TERCEIRO CRIADO · Nem por isso
deixa de usar o coração a farda
de Timão, como vejo em vossos rostos.
Somos ainda camaradas, todos
ao serviço da dor. Furado se acha
nosso barco, e nós outros, tripulantes
infelizes, trepados na coberta
que se afunda, escutam as ameaças

das ondas bravas. É forçoso, agora,
nos despedirmos neste mar aéreo.
FLÁVIO · Caros amigos, aqui tendes quanto
me resta do que é meu. Em qualquer tempo
que viermos a nos encontrar, sejamos
camaradas, em nome de Timão,
e a frente sacudindo, como em dobre
fúnebre pela sorte de nosso amo,
digamos uns aos outros: conhecemos
dias melhores. — Cada um terá um pouco.

(Dá-lhes dinheiro.)

A mão, aqui! Silêncio agora; é tudo.
Nossa riqueza, a dor, me deixa mudo.

(Abraçam-se. Saem os criados.)

Que desgraça a fortuna nos apresta!
Quem as riquezas não dispensaria,
se origem dão a tanta felonía?
Quem desejara glória zombeteira?
Quem de grado viver quisera apenas
um sonho de amizade? Ter estado,
pompa ruidosa, apenas em pintura,
como os falsos amigos? Meu pobre amo,
que o próprio coração deixou por baixo,
que a bondade arruinou! Oh mas que estranha
natureza! Que o mor pecado seja
no coração bondade ter sobeja.
Quem quererá mostrar-se de alma grata,
se o que define os deuses o homem mata?
Oh meu caro amo! Só bendito foste
para seres maldito; rico, apenas
para te desgraçares! Tua grande
fortuna só foi causa de amarguras.
Amo bondoso! Em cólera afastou-se
desta sede insensível só de amigos.
animalescos.
Não tem consigo nada com que possa
ganhar a vida ou cômoda deixá-la.
Vou tratar de saber por onde ele anda.
Enquanto algo eu tiver, serei contente
em dele continuar como intendente.

(Sai.)

Ato IV · Cena III

Floresta junto da praia, com uma caverna.

Timão sai da caverna.

TIMÃO · Oh gerador bendito! oh sol! da terra tira umidade pútrida e infecciona todo o ar que se respira cá nesta órbita de tua irmã! Dois gêmeos que do mesmo ventre provêm; para eles quase idênticos a gestação e o nascimento foram; mas dá-lhes sorte diferente em tudo. Que desprezado seja o mais pequeno pelo maior. A natureza, sempre por males assediada, só consegue suportar a fortuna revelando desprezo à natureza. Elevo este mendigo, abaixa o nobre. Desprezo hereditário seja o lote do senado; do pobre, honras nativas. É a pastagem que deixa o gado nédio; nas secas, emagrece. Quem, quem ousa, em pura humanidade, levantar-se e dizer: “É um adúlador este homem?” Se um for, todos o são, que os degraus todos da fortuna o de baixo deixa brandos. Inclina-se dos sábios a cabeça ante o imbecil dourado. Tudo é oblíquo. Em nossa natureza amaldiçoada nada é plano, tirante, tão-somente, a franca vilania. Odiadas sejam, por isso, as festas todas, sociedades, reuniões dos homens, pois Timão odeia seus semelhantes, sim, até ele próprio. Que a destruição apanhe a humanidade. Dá-me raízes, terra! E se houver, porventura, quem exija melhor coisa de ti, molha-lhe a boca com o mais pronto veneno que tiveres. Que vejo? Ouro faiscante, ouro amarelo, o precioso metal. Não, deuses! Nunca! Não vos fiz votos frívolos. Raízes, céus serenos. Só com isto eu deixaria o negro, branco; o repelente, belo; o injusto, justo; o baixo, com nobreza; o novo, velho, e corajoso o pulha.

Deuses, por que isto? Para quê isto, deuses?

Oh! isto desviará de vossas aras sacerdotes e servos, da cabeça dos doentes tirará o travesseiro. Este escravo amarelo os sacrossantos votos anula e quebra, lança a bênção nos malditos, amável deixa a lepra, dá estado aos ladrões e lhes concede títulos e homenagens lado a lado dos senadores, faz que novamente se case a viúva idosa. A que seria pelo hospital de chagas repugnantes com náuseas vomitadas, isto embalsama, deixando como abril cheio de aroma. Vamos, poeira maldita, prostituta comum da humanidade, que a discórdia nas nações introduzes, vou fazer-te voltar a ser o que és.

(Ruído ao longe de marcha militar.)

Como! Tambores?

Vou enterrar-te, embora tenhas vida. Sim, ladrão forte, correrás ainda, quando os guardas gotosos não puderem prosseguir em seu posto. Mas deixemos isto aqui, para amostra.

(Separa parte do ouro e enterra o restante.)

(Entra Alcibíades com tambor e gaita, à moda militar; Frinéia e Timandra.)

ALCIBÍADES · Quem és tu? Dize logo.

TIMÃO · Um animal, como és. Que te corroa o coração o cancro, por me teres mostrado novamente um rosto de homem.

ALCIBÍADES ·

Como te chamas? O homem te é odioso, dessa maneira, sendo, como és, homem?

TIMÃO · Sou misantropo; odeio a humanidade. Mas desejara que um cachorro fosses; que, assim, podia amar-te alguma coisa.

ALCIBÍADES ·

Sei muito bem quem és; desconhecida, porém, e estranha é para mim tua sorte.

TIMÃO · Conheço-te, também, mas mais do que isso não quero conhecer-te. Vamos, segue teu tambor. Pinta a terra de vermelho

com sangue humano, sangue rubro, rubro.
São cruéis as leis civis, os religiosos
cânones. Para quê, portanto, a guerra?
Essa rameira atroz que te acompanha
causa mais destruição que tua espada,
com todo esse ar angélico.

FRINÉIA · Apodreçam-te
os lábios.

TIMÃO · Não pretendo dar-te um beijo;
assim, a podridão fica contigo.

ALCIBÍADES · Como o pobre Timão mudou a esse
ponto?

TIMÃO · Como a lua, por falta de luz própria.
Mas não posso, como ela, renovar-me,
que sol não tenho para algum empréstimo.

ALCIBÍADES · Nobre Timão, que prova de amizade
poderia te dar?

TIMÃO · Apenas esta:
mantém meu parecer.

ALCIBÍADES · Qual é, Timão?

TIMÃO · Promete-me tua amizade, mas não cumpras
a promessa. Se não quiseres prometer-me isso, que
os deuses te castiguem por seres homem; e se a
cumprires, que te confundam, por seres homem.

ALCIBÍADES · Ouve falar por alto de teus males.

TIMÃO · Viste-os no tempo em que eu estava
próspero.

ALCIBÍADES · Agora o vejo. Belo tempo aquele!

TIMÃO · Como ora o teu, com duas prostitutas.

TIMANDRA · É esse o florão de Atenas, de que o
mundo falava com tal ênfase?

TIMÃO · És Timandra?

TIMANDRA · Ela mesma.

TIMÃO · Prossegue sendo o que és:
uma rameira. Amor nenhum te vota
nenhum dos que te buscam; dá-lhes doenças.
guardando para ti o prazer deles.

Tempera-os bem com tuas horas lúbricas,
deixando prontos todos os escravos
para os banhos e a estufa; a mocidade
de faces róseas leva à dieta extrema
da cura pela fome.

TIMANDRA · Monstro, enforca-te!

ALCIBÍADES · Perdoa-lhe, Timandra; seu espírito
adoeceu e perdeu-se no infortúnio.

Bravo Timão, ultimamente quase
não me sobra dinheiro, ocasionando

revoltas mui freqüentes essa falta
em meu bando faminto. Pesaroso
vim a saber como a maldita Atenas,
sem atender ao teu merecimento,
de teus grandiosos feitos esquecida
no tempo em que, sem tua brava espada,
pisada ela teria sido pelos
estados seus vizinhos...

TIMÃO · Por obséquio,
faze usar o tambor e vai-te embora.

ALCIBÍADES · Caro Timão, sou teu amigo e tenho
muita pena de ti.

TIMÃO · Como tens pena,
se me incomodas tanto? Preferira
que me deixasses só.

ALCIBÍADES · Então, adeus.
Aqui tens algum ouro.

TIMÃO · Guarda-o, guarda-o!
Não poderei comê-lo.

ALCIBÍADES · Quando Atenas
orgulhosa eu tiver deixado em ruínas...

TIMÃO · Como assim! Fazes guerra aos atenienses?

ALCIBÍADES · Sim, Timão; tenho causa para tanto.

TIMÃO · Que em teu triunfo os deuses os destruam,
e a ti, depois de os teres conquistado.

ALCIBÍADES ·

A mim? Por quê, Timão?

TIMÃO · Porque, matando
só celerados, tu nasceste para
conquistar minha pátria. Guarda esse ouro.
Parte! Aqui tens mais ouro... Parte logo.

Sê como peste planetária, como
quando Jove semeia seus venenos
no ar de alguma cidade corrompida.
Que não se esqueça de ninguém teu gládio.

Apiedado não fiques da velhice
veneranda por suas barbas brancas:
é um usurário. Desce tua espada
na matrona fingida; só nas vestes
revela honestidade: é alcoviteira.

Não enterneças faces da donzela
o gume de teu gládio, que esses seios
de leite, que provocam pelas grades
das janelas os olhos dos mancebos,
não se encontram na lista da piedade:
como horríveis traidores os condena.

Nem o lactente poupes, cujo riso
em covinhas a compaixão esgota

dos homens imbecis. Por um bastardo
deves tomá-lo, que um obscuro oráculo
fadou a te esgorjar depois de grande:
retalha-o sem remorsos. Jura guerra
contra tudo; couraça põe nos olhos
e nos ouvidos, para que não cheguem
até onde estás os gritos das matronas,
das donzelas, das crianças, nem a vista
dos sacerdotes a sangrar em sua
vestimenta sagrada. Aqui tens ouro
para pagar teus homens. Destrói tudo,
e uma vez aplacada tua fúria,
a ti mesmo destrói. Não fales; parte!

ALCIBÍADES ·

Ainda tens ouro? Aceito o ouro que deres,
não os conselhos.

TIMÃO · De qualquer maneira,
que o céu te amaldiçoe.

FRINÉIA E TIMANDRA · Dá-nos ouro,
Timão bondoso. Ainda tens de sobra?

TIMÃO · O bastante para a uma prostituta
levar a renunciar ao próprio ofício

e à alcoviteira a preparar mais outras
para substituí-las. Porcalhonas,
abri os aventais. Não sois capazes
de juramento, muito embora eu saiba
que ireis jurar terrivelmente, a ponto
de provocar celestes calafrios

nos deuses imortais que vos ouvirem.

Poupai os juramentos, que eu confio
em vosso próprio instinto. Prostitutas

sede sempre. Se acaso alguém de fala
piedosa pretender deixar-vos santas,

sede fortes no ofício, seduzindo-o,

em chamás envolvendo-o. Que domine
vosso fogo secreto o fumo deles.

Não renunciéis jamais e que em seis meses
tenhais trabalhos ao contrário desses.

Forrai vossas paredes miseráveis

com despojos dos mortos. Enforcados

foram alguns; que importa? Usai tudo isso,

para enganardes mais; sempre rameiras.

Rebocai-vos até que em vossas faces

um cavalo se atole. Peste para

todas as rugas!

FRINÉIA E TIMANDRA · Muito bem. Mais ouro.

Tudo faremos, podés crer, pelo ouro.

TIMÃO · Semeai a consumpção
té nos ossos dos homens; deixai fracas
suas pernas alertas; a energia
destruí dos cavaleiros: tornai rouca
a voz do juiz, para que não prossiga
na defesa de causas ilegítimas
nem em tom de falsete grite as suas
s sofistarias. Recobri de lepra
o sacerdote que perora contra
a condição da carne, sem dar crédito
a seus próprios discursos. Venha abaixo!
Que lhe caia o nariz! Tiraí a ponte
de quem, para caçar seus interesses,
não percebe o bem público. Bem calvos
deixai os biltres de madeixas belas;
e que de vós receba fundas marcas
o fanfarrão soldado que da guerra
não trouxe cicatriz. Empestai todos,
para que vossa atividade possa
destruir e deixar seca a própria fonte
da geração. Tendés aqui mais ouro.
Destruí os mais, e que isto vos destrua,
cobrindo a lama a todos!

FRINÉIA E TIMANDRA · Mais conselhos,
generoso Timão, e mais dinheiro.

TIMÃO · Começai exercendo o vosso ofício;
causai maiores danos. Dei-vos arras,
tão-somente.

ALCIBÍADES · Marchemos para Atenas.

Tocai tambores. Bom Timão, adeus.

Se eu vencer voltarei a visitar-te.

TIMÃO · Se tal como desejo correr tudo,
não voltarás.

ALCIBÍADES · Eu nunca te fiz mal.

TIMÃO · Fizesté, pois falaste bem de mim.

ALCIBÍADES · E chamás a isso mal?

TIMÃO · É o que ensina a experiência diariamente.

Vai-te embora e carrega tuas galgas.

ALCIBÍADES · De todo jeito a molestamos. Toca!

*(Toque de tambores. Saem Alcibíades, Frinéia e
Timandra.)*

TIMÃO · Como se dá que a natureza, lassa
da ingratidão dos homens, tenha fome?

(Cava a terra.)

Oh nossa mãe comum, cuja infinita
matriz procria tudo, cujo seio
a tudo dá alimento e que da mesma

matéria de que se incha esse teu filho vaidoso, o arrogante homem, também formas o negro sapo, a víbora azulada, o lagarto listrado, o cego réptil e quanto monstro houver sob essa abóbada pelo fogo de Hipério iluminada: deixa sair do seio dadivoso uma raiz modesta, para aquele que ódio vota aos mortais. Esteriliza teu ventre tão fecundo e generoso, porque ao homem ingrato não dê vida. Enche-te de serpentes, tigres, lobos! Produze novos monstros, que tua face superior nunca revelou à abóbada de mármore do céu! — Uma raiz! Muito obrigado! Seca-te, medula das vinhas e dos campos trabalhados com que o homem ingrato, saturado de gotas licorosas e iguarias de tal modo emporcalha a inteligência que toda reflexão se lhe escorrega.

(Entra Apemanto.)

Outro homem? Peste! Peste!

APEMANTO · Vim até aqui seguindo alguns indícios que me deram. Disseram-me que imitas minha vida e meus gestos.

TIMÃO · Então isso só se dá por não teres um cachorro que eu pudesse imitar. Que a consumpção se apodere de ti.

APEMANTO · Em ti tudo isso não passa de uma natureza falsa, uma melancolia miserável e desumana, ocasionada pela mudança da fortuna. Para quê este lugar? a pá? esse hábito de escravo? essa feição de dor? Os teu antigos adutores ainda vestem seda, bebem vinho, em colchões macios deitam-se, afagam suas doenças perfumadas e se esqueceram de que houvesse um dia existido Timão. Não envergonhes a floresta, assumindo essa atitude de censor inflexível. Sê agora também adador, para que possas tirar partido de tua própria ruína.

Dobra o joelho, e que o sopro mais sereno de quem cumprimentares faça longe voar teu chapéu. O vício dele exalta, chamando-lhe virtude. Assim fizeram contigo, e tu te requebravas todo, tal como bodegueiro que saúda qualquer biltre que passa. Foi bem feito tornares-te velhaco: se voltasses a ter dinheiro, todos os velhacos lucrariam com isso. Não procures parecer-te comigo.

TIMÃO · Se eu tivesse tua aparência, fora me jogara.

APEMANTO · Já te jogaste fora, parecendo-te contigo mesmo: louco, muito tempo; presentemente, um tolo. Quê! Presumes que este ar glacial, violento camareiro, te aquecerá a camisa? Ou que estas árvores recobertas de musgo, que mais vida têm do que as águias, hão de acompanhar-te como pajem, em tudo obedecendo-te?

Que o frio regatinho, pela geada cristalizado, irá trazer-te um caldo de manhã cedo, para refazer-te dos excessos da noite? Chama todos os seres cuja natureza nua os embates suportam do ar violento, cujos corpos desnudos e sem teto se expõem aos elementos em conflito, à natureza em tudo conformados; ordena a todos que te adulem, que hás de...

TIMÃO · És um tolo. Retira-te!

APEMANTO · Aprecio-te agora mais do que antes.

TIMÃO · E eu te odeio mais, ainda.

APEMANTO · Por quê?

TIMÃO · Só porque adulas minha miséria.

APEMANTO · Não a adulo; digo somente que és um pulha.

TIMÃO · Por que causa me procuraste?

APEMANTO · Para atormentar-te.

TIMÃO · Sempre o ofício de um tolo ou de um bargante.

Encontras prazer nisso?

APEMANTO · Encontro.

TIMÃO · Como!

Nesse caso, és velhaco?

APEMANTO · Se tivesses ficado azedo assim e enregelado para castigo de teu próprio orgulho, teria sido bom; mas é forçado que fazes tudo; cortesão voltaras a ser, no caso de não estares pobre. A pobreza espontânea sobrevive de muito à pompa incerta: ela é sua própria consagração. Uma não pára nunca de absorver, sem jamais ficar saciada.

A outra a si mesma basta. Descontente, a condição mais alta é miserável e lastimosa, pior que a mais mesquinha das condições, que esteja satisfeita. Devias desejar a morte, sendo como és, tão miserável.

TIMÃO · Não, por ver-me sugerido por quem é mais, ainda, miserável do que eu. És um escravo que nunca foi pelos macios braços da Fortuna afagado. Cão nasceste. Se tu, como nós outros, desde os cueiros subido houvesse os degraus amenos que concede este mundo transitório aos que dispõem com toda a liberdade de seu paciente fardo, era certeza caíres na depravação de todos; terias derretido a mocidade nos leitos da luxúria; sem que nunca tivesses aprendido as frias máximas do respeito, no rasto seguirias da caça açucarada. Eu, entretanto, que por confeitaria tinha o mundo, e a meu serviço o coração dos homens, a língua, a boca, os olhos, sem de ofícios suficientes dispor para eles todos que, numerosos, só de mim pendiam como as folhas o fazem do carvalho... Mas um golpe do inverno, apenas, fê-los cair dos galhos. Ora nu me encontro, aos assaltos exposto das tormentas. Suportar isso, para mim, que sempre conheci a ventura, é alguma coisa.

Com sofrimento começou tua vida; o tempo fez-te calejado nela.

Por que hás de odiar os homens? Que lhes deste? Se amaldiçoar queres alguém, que seja teu pai, esse frangalho que, por troça, se uniu a uma mendiga, resultando daí seres gerado; pobre-diabo de nascimento. Fora! Vai-te embora! Se do berço não fosses o pior homem, terias sido adulator e biltre.

APEMANTO · Ainda mostras orgulho?

TIMÃO · Por saber-me diferente de ti.

APEMANTO · E eu tenho orgulho de não ter sido pródigo.

TIMÃO · E eu, por ainda o ser neste momento. Se encerrasses toda a minha fortuna, eu te daria licença para te enforcares. Vai-te! Oh! não se conter nisto toda a vida de Atenas, para que eu a devorasse!

(Come uma raiz.)

APEMANTO · Toma isto, para melhorar o almoço.

TIMÃO · Começa melhorando a companhia, com te ires logo embora.

APEMANTO · A minha é que hei de melhorar, afastando-me depressa.

TIMÃO · Com isso a remendaras, simplesmente. Se não, desejaria que assim fosse.

APEMANTO · Que desejas de Atenas?

TIMÃO · Que tu fosses um tufão carregado. Se quiseres, dize-lhes que eu tenho ouro. Olha: aqui o tenho.

APEMANTO · Nenhuma utilidade aqui tem o ouro.

TIMÃO · De todas, a melhor e verdadeira: dorme, sem para o mal ser alugado.

APEMANTO · E quando chega a noite, onde te deitas?

TIMÃO · Sob o que me recobre. E tu, Apemanto, onde comes de dia?

APEMANTO · Onde o apetite encontra alimento, ou melhor: onde o devoro.

TIMÃO · Desejara que o veneno conhecesse meus pensamentos e me obedecesse.

APEMANTO · Para onde a mandarías?

TIMÃO · Para onde servisse de tempero para tua comida.

APEMANTO · Nunca conhecestes o meio-termo da humanidade; apenas seus extremos. Quando vivias em teus dourados e teus perfumes, todos riam de ti, por teu excesso de delicadeza; agora nesses trapos não a conheces, sendo desprezado pelo excesso oposto. Aqui tens uma nêspera; come-a.

TIMÃO · Não me alimento do a que tenho ódio.

APEMANTO · Odeias as nêsperas?

TIMÃO · Sim, quando se parecem contigo.

APEMANTO · Se tivesses odiado mais cedo as nêsperas dos intrometidos, terias agora mais amor a ti mesmo. Conhecestes em algum tempo algum esbanjador que tivesse sido amado depois de ter perdido tudo o que possuía?

TIMÃO · E quem já conhecestes que tivesse sido amado sem esses recursos de que falas?

APEMANTO · Eu mesmo.

TIMÃO · Compreendo-te; tinhas recursos para sustentar um cão.

APEMANTO · Que é que no mundo todo te parece mais semelhante aos teus adutores?

TIMÃO · As mulheres. Mas os homens, os homens são a própria coisa. Que farias com o mundo, Apemanto, se dispusesse dele?

APEMANTO · Dá-lo-ia aos animais, para ficar livre dos homens.

TIMÃO · Desejaras, então, destruir-te com os demais homens, para te tornares um animal entre outros animais?

APEMANTO · Sim, Timão.

TIMÃO · Ambição bestial essa tua. Permitam os deuses que chegues a realizá-la. Se fosses leão, a raposa te enganaria; se fosses cordeiro, a raposa te devoraria; se fosses raposa, o leão teria suspeitas de ti, quando o asno, porventura, te acusasse; se fosses asno, tua estupidez te atormentaria, sendo que viverias apenas para servires de almoço para o lobo; se fosses lobo, tua voracidade te mortificaria, e muitas vezes terias de arriscar a vida para arranjar alimento; se fosses unicórnio, o orgulho e a cólera te perderiam e te fariam presa da própria fúria; se fosses urso, serias morto pelo cavalo; se fosses cavalo, o leopardo te apanharia; como leopardo, serias irmão do leão, conspirando contra tua vida as próprias manchas de teus parentes; toda tua segurança consistiria na fuga, e tua defesa, na ausência. Que animal poderias ser, que não estivesse

sujeito a outro animal? E que animal é preciso que já sejas, para não compreenderes quanto perderias com semelhante transformação?

APEMANTO · Se pudesses agradar-me conversando comigo, agora o terias conseguido. A república de Atenas transformou-se numa floresta de animais.

TIMÃO · Como pôde o asno derrubar o muro, para que conseguisses sair da cidade?

APEMANTO · Ali vêm um poeta e um pintor. Que a peste da companhia deles caia sobre ti. Com medo do contágio, vou tratando de ir embora. Quando não souber o que fazer, voltarei a procurar-te.

TIMÃO · Quando fores o único ser vivo, serás muito bem-vindo. Preferira ser cachorro de mendigo a ser Apemanto.

APEMANTO · Em todo o mundo o príncipe és dos tolos.

TIMÃO · Oh! não seres bem limpo, porque em cima de ti eu escarrasse!

APEMANTO · Possa a peste te carregar! És tão ruim que a própria maldição não te alcança.

TIMÃO · Comparados contigo ficam nobres os velhacos.

APEMANTO · Senão lepra, nada há no que tu falas.

TIMÃO · Quando digo teu nome. Se não fora temer sujas as mãos, te bateria.

APEMANTO · Quem dera que com a língua eu conseguisse deixá-las podres, para que caíssem!

TIMÃO · Fora daqui, filho de um cão sarnento! A cólera me mata por viveres. Só de ver-te, desmaio.

APEMANTO · Quem me dera que viesses a estourar!

TIMÃO · Fora, velhaco fastidioso! Lastimo a simples pedra que tenho de atirar-te.

(Atira-lhe uma pedra.)

APEMANTO · Besta!

TIMÃO · Escravo!

APEMANTO · Batráquio!

TIMÃO · Biltre! Biltre! Miserável!

Causa-me náuseas esse mundo hipócrita. Dele só aceitarei as mais prementes necessidades. Desde já, Timão, cava tua própria cova. Jazer deves

onde a espuma das ondas diariamente
possam bater na lápide do túmulo.
Compõe teu epitáfio, porque a morte
possa em meu caso rir das outras vidas.

(*Contempla o ouro.*)

Oh doce regicida, caro agente
do divórcio entre pais e filhos, lúcido
profanador do tálamo mais puro
de Himeneu! Marte valoroso! Oh tu,
sedutor sempre jovem, delicado,
sempre querido, cujo rubro aspecto
faz derreter a neve consagrada
no regaço de Diana! Deus visível
que impossibilidade aproximadas,
fazendo que se beijem, que te exprimes
em qualquer língua e para todo efeito!
Oh tu, pedra de toque verdadeira
dos corações! Supõe que se insurgiram
teus escravos, os homens, e por tua
virtude os lança num terrível caos,
para que os animais, o mando venham
a exercer neste mundo.

APEMANTO · Que assim seja:
mas depois que eu morrer. Vou dar a nova
de que tens ouro; assim, terás visitas
em profusão.

TIMÃO · Em profusão?

APEMANTO · É isso.

TIMÃO · Mostra-me as costas, por obséquio.

APEMANTO · Vive
e ama tua miséria.

TIMÃO · Assim consigas
viver e assim morrer.

(*Sai Apemanto.*)

Ora estou pago.
Mais seres de feições humanas? Come,
Timão, e lança a maldição em todos.

(*Entram ladrões.*)

PRIMEIRO LADRÃO · Onde poderá ele ter esse
ouro? Decerto não passa de porção insignificante,
resto miserável de sua fortuna. A falta de dinheiro
e a defecção dos amigos foi que o lançaram nessa
melancolia.

SEGUNDO LADRÃO · Corre o boato que ele tem um
grande tesouro.

TERCEIRO LADRÃO · Façamos uma tentativa de
assalto; se ele não fizer conta do ouro, no-lo cederá

com facilidade. Mas se o guardar avaramente, de que
modo conseguí-lo?

SEGUNDO LADRÃO · É certo; tanto mais que ele o
não traz consigo. O tesouro está escondido.

PRIMEIRO LADRÃO · Não será ele aquele ali?

LADRÕES · Onde?

SEGUNDO LADRÃO · Pelos sinais que nos deram, é
ele mesmo.

TERCEIRO LADRÃO · É ele; reconheço-o.

TODOS · Bom dia, Timão.

TIMÃO · Como! Ladrões?

TODOS · Ladrões, não; soldados.

TIMÃO · Ambos, nascidos de mulher.

LADRÕES · Ladrões não somos, mas necessitados.

TIMÃO · Vossa maior necessidade é a falta
de alimento. E por que sofrerdes falta?

A terra tem raízes. Vede: em uma
milha da redondeza nascem fontes
inumeráveis: os carvalhos se acham
carregados de landes; de escarlates
bagas as sarças. A ama generosa,
a natureza, em cada moita um prato
suculento vos dá. Falta? De quê?

PRIMEIRO LADRÃO ·

Não podemos viver de ervas, de bagas
nem de água, como os pássaros, os peixes
e os animais.

TIMÃO · Sim; nem dos próprios peixes,
pássaros e animais. Precisaríeis
alimentar-vos de homens. Pouco importa!

Sou-vos grato porque roubais às claras,
sem assumirdes aparência santa;
que o mais vultoso roubo é praticado
nas profissões honestas. Aqui tendes ouro,
ladrões. Ide chupar o sutil sangue
da vinha até que a febre faça o vosso
fermentar até a espuma, libertando-vos,
assim, da justa força. Em nenhum médico
confieis, que seus remédios são veneno,
mais do que vós eles produzem dano.

Tomai a bolsa e, ao mesmo tempo, a vida:
executai as vossas vilanias,

já que vos declarais para isso prontos,
como profissionais. Vou demonstrar-vos
que a ladroíce é praticada em tudo.

O sol é um ladrão: com sua força
de atração ele rouba o vasto oceano.

duvidar sempre, embora convencido — não será ambiciosa e refalsada essa amizade, não será bondade de usurário, que os mimos multiplica, para vinte por um ganhar na troca?

FLÁVIO · Não, meu digno senhor. Em vosso peito a dúvida e a suspeita, ah! muito tarde abrigo acharam. Oh! se o falso tempo reconhecido houvésseis na grandeza! Mas só medra a suspeita na tristeza. É puro zelo o que vos mostro, sabe-o perfeitamente o céu, amor, respeito a vossa alma sem par, solicitude por vossa subsistência e vossa vida. Podeis acreditar-me, meu honesto senhor: não trocaria nenhum dos benefícios que o futuro me reserva, ou as vantagens do presente, por este único anelo: que tivésseis poder e meios de recompensar-me com vos tornardes rico novamente.

TIMÃO · Ora vê, é assim mesmo. Oh tu, criatura singularmente honesta! Recebe isto, recebe este tesouro que de minha miséria os deuses te enviaram. Parte; vive rico e feliz. Mas com uma única condição: construirás longe dos homens; amaldiçoa todos, não te apiades de ninguém. Antes deixa que dos ossos caia a carne faminta do que corras a socorrer alguém. Dá aos cachorros o que aos homens negares. Sejam todos tragados pelos cárceres. Que as dívidas os façam definharem; que sejam como na virgem mata o tronco apodrecido, destruindo-lhes a doença o sangue infido. Assim, prospera e adeus.

FLÁVIO · Oh! consenti-me ficar, senhor, para conforto vosso.

TIMÃO · Se temes maldições, não fiques. Foge dos homens; a existência tens bendita; não ver-te nunca para mim é dita.

(Saem por caminhos diferentes.)

Ato V · Cena I

*Floresta diante da caverna de Timão.
Entram o poeta e o pintor.*

PINTOR · Se estiver certa a indicação que me deram, ele deve viver por estas imediações.

POETA · Que devemos pensar dele? Será verdadeiro o boato de que está cheio de ouro?

PINTOR · É certo; Alcibíades o afirma; Frinéia e Timandra receberam ouro das mãos dele. Com vultosos donativos deixou rico, também, a uns soldados vagabundos, e dizem que ele deu uma soma considerável a seu intendente.

POETA · Então a sua falência não passava de artifício, para pôr à prova alguns amigos.

PINTOR · Precisamente. Ainda haveis de contemplá-lo como uma palmeira em Atenas, florida até o cimo. Por isso, não é fora de propósito hipotecarmos-lhe nossa afeição nesta pretensa infelicidade. Parecerá proibidade de nossa parte, podendo muito bem ser que consigamos os nossos intentos, se for verdade o que se diz de sua riqueza.

POETA · Que tendes agora para oferecer-lhe?

PINTOR · Neste momento, nada, tirante a própria visita. Mas vou prometer-lhe uma obra-prima.

POETA · Vou servi-lo desse modo, falando-lhe de um projeto que lhe diz respeito.

PINTOR · Excelente! Prometer é a nota do tempo: abre os olhos da expectativa. A realização é sempre grosseira, no próprio momento em que se concretiza, e, a não ser entre a gente simples e ingênua, está fora de uso isso de cumprir a palavra dada. A promessa é mais cortês e mais de acordo com a moda. A execução é uma espécie de codicilo ou testamento que atesta doença grave no julgamento do autor.

(Timão sai da caverna.)

TIMÃO *(à parte)* · Excelente artista! Jamais chegarás a pintar um homem tão ruim como tu próprio.

POETA · Estou pensando no que hei de dizer-lhe a respeito da obra que pretendo dedicar-lhe. Deverá tratar da personificação dele mesmo, uma sátira contra a moleza da prosperidade, com a denúncia

de infinitas lisonjas que acompanham sempre a mocidade e a opulência.

TIMÃO (*à parte*) · Precisarás então figurar, em tua própria obra, como miserável. Queres flagelar teus próprios vícios nos outros homens? Faze isso, que tenho ouro para ti.

POETA · Como poderá ser?

Pecado é grande contra o próprio bem, não só perder, mas retardar também.

PINTOR · Justo.

Antes da noite escura, em pleno dia, procura o que te falta, com alegria.

Vamos.

TIMÃO (*à parte*) ·

Vou encontrar-vos na primeira volta.

Que deus é o ouro, para ser cultuado num templo mais grosseiro que a pocilga!

És tu que o barco esquipas e as escumas cortas do mar, fazendo que um escravo seja tratado com respeito e estima.

A ti, pois, todo o culto. E que em futuro sejam buscados pelas pestes todas

os santos que contigo fazem bodas.

Vou procurá-los logo.

(*Adianta-se.*)

POETA · Salve, digno Timão!

PINTOR · Que até bem pouco foi nosso digno mestre.

TIMÃO · Tive vida bastante para ver dois homens sérios?

POETA · Senhor,

tantas vezes havendo nós provado de vossa larga mesa, ora soubemos

que retirado estais, abandonado

pelos amigos, cuja natureza

mais do que ingrata — oh espíritos monstruosos! o céu não tem flagelos suficientes —

Como! Convosco,

cuja nobreza sideral influência

lhes dava e a própria vida! Estou confuso,

sem que possa cobrir a gigantesca

massa de ingratidão com nenhuns termos próprios ao seu tamanho.

TIMÃO · Que prossiga

nua, assim mesmo; dará mais na vista.

Honesto como sois, vosso caráter

mais conhecido deixará o deles.

PINTOR · Eu e ele viemos sob a grande chuva de vossos benefícios, sua influência grata sempre a sentir.

TIMÃO · Sim, sois honestos.

PINTOR · Viemos oferecer-lhe nossos préstimos.

TIMÃO · Oh! como vos pagar, criaturas sérias?

Comeis raízes? bebeis água fria?

Decerto, não.

AMBOS · O que fazer pudermos, faremos para ser-vos agradáveis.

TIMÃO · Sois criaturas honestas. Certamente o boato vos chegou de que eu tenho ouro.

Tenho certeza disso. Sede francos; sois criaturas honestas.

PINTOR · Em verdade, nobre senhor, ouvimos falar nisso;

mas eu e meu amigo nos achamos aqui por outra causa.

TIMÃO · Oh gente honesta!

Como pintor de quadros, em Atenas

és o melhor. É certo: é a própria vida.

PINTOR · Mais ou menos, senhor.

TIMÃO · Não; como disse.

Quanto a tuas ficções, os versos correm tão branda e suavemente que prossegues

natural na própria arte. Apesar disso, meus honestos amigos, sou-vos franco:

um pequeno senão mostrais ainda.

Mas é coisinha à-toa; não desejo que ao trabalho vos deis de corrigir-vos.

AMBOS · Se vos fosse do agrado revelar-no-lo...

TIMÃO · Podeis ficar zangados.

AMBOS · Muito gratos, meu senhor, ficaremos.

TIMÃO · Em verdade?

AMBOS · Não o duvideis, senhor.

TIMÃO · Cada um de vós se fia num velhaco que torpemente o engana.

AMBOS · Acreditais que seja assim, senhor?

TIMÃO · Sabeis que mente, dissimular o vedes, conhecendo

suas velhacarias. No entretanto,

lhe mostrais afeição, tratais bem dele,

ao peito o aconchegais, tendo certeza

de que não passa de um notório biltre.

PINTOR · Não conheço, senhor, ninguém assim.

POETA · Nem eu.

TIMÃO · Ora escutai-me. Amo-vos muito.

Dar-vos-ei ouro, quando me banirdes
de vossa companhia o miserável.

Com punhal o feri, ponde-o na força,
jogai-o na latrina, exterminai-o
de qualquer jeito e vinde procurar-me,
que ouro vos darei muito.

AMBOS · Dizei quem é, senhor, para o sabermos.

TIMÃO · Ide por este lado; vós, por este,
que sempre sereis dois. Cada um à parte,
isolado, sozinho, em companhia
sempre andarà de um consumado pulha.

(Mostrando o poeta ao pintor.)

Se não desejas que haja dois bargantes,
onde estiverdes, a ele não te achegues.

(Mostrando o pintor ao poeta.)

Se só queres morar onde haja apenas
um vilão, deves logo abandoná-lo.

Fora! Aqui tendes ouro. Miseráveis!

Viestes procurar ouro? Recompenso-vos
pelo que me fizestes. Fora! Fora!
Sois alquimistas; fazei ouro disto.

Fora, cães indecentes!

(Expulsa-os a pedradas e volta para a caverna.)

(Entram Flávio e dois senadores.)

FLÁVIO · Debalde pretendeis falar com ele,
pois Timão a tal ponto está absorvido
dentro do próprio eu, que, tirante ele,
tudo o que se assemelha a um ser humano
lhe desperta ódio, apenas.

PRIMEIRO SENADOR · Indicai-nos
sua caverna. Mensageiros somos
dos atenienses e lhes prometemos
conversar com Timão.

SEGUNDO SENADOR · Nas diferentes
circunstâncias nunca o homem se conserva
consigo mesmo igual. O tempo e as mágoas
desse modo o deixaram. Ora que o tempo
com sua mão mais branda lhe oferece
a fortuna de seus primeiros dias,
pode fazer que volte a ser o que era.
Indicai-nos o ponto, e que resulte
disso seja o que for.

FLÁVIO · Eis a caverna.
Haja neste lugar paz e alegria.

Senhor Timão! Timão! Mostrai-vos; vinde
conversar com amigos. Os de Atenas
vos saúdam por meio de dois graves
senadores. Nobre Timão, falai-lhes.

(Timão aparece na entrada da caverna.)

TIMÃO · Oh tu, saudável sol, abraza tudo!

Falai o que quiserdes e enforcai-vos.
Que na língua vos nasça uma flictena
para cada palavra, e que as mentiras
até a raiz as queimem, devastando-a
no ato de as proferirdes.

PRIMEIRO SENADOR · Muito digno
Timão...

TIMÃO · Digno de vós como o sois dele.

SEGUNDO SENADOR · Timão, os senadores te saúdam,
senadores de Atenas.

TIMÃO · Agradeço-lhes.

Quisera a peste enviar-lhes, se soubesse
onde é que ela se encontra.

PRIMEIRO SENADOR · Esquece tudo
quanto nos deixa tristes por tua causa.
Os senadores, com amor unânime
a voltar te concitam para Atenas
e especiais dignidades te oferecem,
que se acham vagas para, com justiça,
te adornares com elas.

SEGUNDO SENADOR ·

Em relação a ti, confessam todos
que foi geral a ingratidão, imensa.
Agora o Estado, que mui raramente
se retrata, no próprio corpo a falta
sentindo de Timão e percebendo
sua ruína, caso continue
a negar a Timão todo o socorro:
ora nos incumbiu de oferecer-te,
confessando-se todos pesarosos,
uma compensação que servir possa
de contrapeso a todas as ofensas
com rigor muito embora calculadas,
montes, sim, de afeição e de riqueza
que de teu coração farão que sumam
nossas ofertas, inscrevendo nele
toda nossa afeição, para que possas
considerá-la sempre como própria.

TIMÃO · Com isso me deixais enfeitado,
ao limite das lágrimas levando-me.

O coração me dai de um mentecapto
e de mulher os olhos, porque eu possa,
senadores, chorar vosso consolo.

PRIMEIRO SENADOR ·

Assim, resolve-te a voltar conosco,
para de nossa Atenas — tua e nossa —
tomares o comando. Recebido
serás com ação de graças, absoluto
poder terás em mãos e teu bom nome
com glória viverá, logo que houvermos
repelido o furioso avanço desse
Alcibíades que, como um selvagem
javardo, arranca a paz da própria pátria.

SEGUNDO SENADOR ·

E brande sua espada ameaçadora
sobre os muros de Atenas.

PRIMEIRO SENADOR · Por tudo isso,
Timão...

TIMÃO · Pois não, senhor, consinto em tudo,
meu senhor, deste modo: se Alcibíades
matar meus compatriotas, que Alcibíades
saiba que isso a Timão é indiferente.

Se ele a saco puser a bela Atenas
e arrastar pela barba nossos velhos
venerandos, jogando as santas virgens
aos ultrajes da guerra infame e bruta,
da guerra tresloucada, então fazei-o
saber — contai-lhe que Timão o disse —
que por piedade dos anciões de Atenas,
de nossa mocidade, é-me impossível
deixar de declarar-lhe que tudo isso
não me incomoda em nada e que suas facas
não poderão fazer-me mal, enquanto
vós tiverdes garganta em bom jeito.

Quanto a mim, vos declaro que não pode
haver no acampamento tumultuoso
nenhuma faca que eu em maior conta
não tenha do que todas as gargantas
reverentes de Atenas. Ora entrego-vos
à proteção dos deuses benfazejos
como ladrões aos feros carcereiros.

FLÁVIO · Vamos; é inútil tudo.

TIMÃO · Agora mesmo
cuidava em escrever meu epitáfio.
Amanhã será visto. Minha doença
prolongada, de vida e de saúde,
já começa a ceder; vai dar-me o nada

tudo dentro de pouco. Ide! Vivei!
Que Alcibíades seja o vosso açoite;
vós, o dele, e que dure isso bastante;

PRIMEIRO SENADOR ·

Em vão é que falamos.

TIMÃO · Mas ainda amo
minha pátria, não sendo desses tipos
que com o naufrágio público se alegram,
como o boato propala.

PRIMEIRO SENADOR · Bem falado.

TIMÃO · Recomendai-me aos caros compatriotas...

PRIMEIRO SENADOR ·

Essas palavras dignas são dos lábios
pelos quais elas passam.

SEGUNDO SENADOR · Atingindo
nossas orelhas como os triunfadores
o fazem nos portões de aplausos plenos.

TIMÃO · Recomendai-me a todos, e dizei-lhes
que para os aliviar de seus desgostos,
o temor e hostis golpes, dores, perdas,
sofrimentos de amor e os incontáveis
achques próprios da vasilha frágil
de nossa natureza no caminho
vacilante da vida, determino
compaixão revelar-lhes, ensinando
como evitar a fúria de Alcibíades.

SEGUNDO SENADOR · Agrada-me isto; vai voltar
conosco.

TIMÃO · Junto aqui da caverna tenho uma árvore
que por necessidade sou forçado,
dentro de pouco, a derrubar. A Atenas
dizei, portanto, a todos amigos,
à nobreza não só, também ao povo,
que quem quiser das aflições livrar-se,
venha enforçar-se logo, antes de o gume
do machado sentir minha bela árvore.
Levai-lhes minhas saudações, vos peço.

FLÁVIO · Não o perturbeis, é o que vos digo; sempre
o haveis de encontrar do mesmo modo.

TIMÃO · Não retornéis; porém dizei a Atenas
que Timão fez sua última morada
no limite da praia do mar salso,
que diariamente hão de cobrir as ondas
turbulentas com sua branca espuma.
Ide até lá, fazendo que se torne
vosso oráculo a pedra de meu túmulo.
Lábios, fazei cessar o amargo verbo,

pondo fim à linguagem. Corretivo
do mal a peste seja, sempre ativo.
De todos seja a morte o galardão.
Morre, oh sol! Cessou o reino de Timão.

(*Sai.*)

PRIMEIRO SENADOR ·

Seu descontentamento é inseparável da própria natureza.

SEGUNDO SENADOR ·

Com ele morrem nossas esperanças.
Voltemos para ver se ainda nos restam
meios que possam vir em nosso auxílio
neste grande perigo.

PRIMEIRO SENADOR · Há muita urgência.

(*Saem.*)

Ato V · Cena II

Diante dos muros de Atenas.

Entram dois senadores e um mensageiro.

PRIMEIRO SENADOR ·

Tuas revelações são dolorosas.
Suas forças são tão consideráveis
como nos relataste?

MENSAGEIRO · Disse o menos,
que a pressa com que marcha é indicadora
de próxima chegada.

SEGUNDO SENADOR · Se com eles
Timão não vier, é grave a situação.

MENSAGEIRO · Encontrei um correio, velho amigo.
Muito embora estejamos alistados
em partidos opostos, obrigou-nos
a conservar nossa amizade antiga,

como amigos de fato. Essa pessoa
vinha à caverna de Timão, da parte
de Alcibíades e era portadora
de cartas insistentes para que ele
na guerra entrasse contra vosso burgo,
que em parte fora começada para,
justamente, vingá-lo.

PRIMEIRO SENADOR · Eis nossos manos.

(*Entram os senadores que estiveram com Timão.*)

TERCEIRO SENADOR ·

Não faleis em Timão; da parte dele
nada esperéis. Já se ouvem os tambores
dos inimigos e as fileiras densas
de poeira entopem o ar. Entremos logo.
A razão esta hipótese perfilha:
preparou-nos o imigo uma armadilha.

(*Saem.*)

Ato V · Cena III

Diante da caverna de Timão. Vê-se uma sepultura tosca.

Entra um soldado, à procura de Timão.

SOLDADO · Segundo a descrição, deve ser esta.
Quem está aí? Olá! Ninguém responde?
Que será isto? Morto está Timão;
cumpru seu fado, que isto é construção
de alguma fera, não morada de homem.

Morreu, é certo, e aqui está seu túmulo.
Não sei ler o que está escrito nele,
mas uma cópia vou tirar com cera.
O general conhece qualquer letra;
embora moço, é velho na experiência.
Diante de Atenas tem o acampamento;
com sua queda coroar o intento.

(*Sai.*)

Ato V · Cena IV

Diante dos muros de Atenas.

Soam tambores. Entra Alcibíades, com tropas.

ALCIBÍADES · Contai nossa chegada irresistível à cidade covarde e voluptuosa.

(Toque para parlamentar.)

(Aparecem senadores sobre o muro.)

Até hoje encher o tempo conseguistes com a medida do arbítrio, impondo vossa vontade como norma da justiça.

Eu e quantos dormíamos à sombra de vossa força andávamos de braços cruzados, exalando inutilmente todo o nosso sofrer. Porém agora o tempo está maduro. A comprimida medula, forte pelo próprio esforço, grita: “Basta!” A justiça esbaforida comodamente agora vai sentar-se nas cadeiras macias que deixardes e a asmática insolência vai o fôlego perder no medo de uma fuga louca.

PRIMEIRO SENADOR ·

Oh nobre moço! quando tuas queixas não passavam de simples pensamentos, antes de teres força, e nós motivo de receio, mandamos procurar-te para bálsamo pôr em tua cólera e nossa ingratidão deixar desfeita com provas suficientes de amizade.

SEGUNDO SENADOR ·

Para o amor da cidade em vão tentamos trazer Timão que tão mudado se acha, com mensagens humildes e convite compensador. Nem todos poderemos ser chamados de ingratos, não devendo, assim, todos cair sob os embates impiedosos da guerra.

PRIMEIRO SENADOR · Estas muralhas erigidas não foram pelos braços que afronta, de começo, vos causaram, não sendo ela de molde que estas torres grandiosas, os troféus, nossas escolas a cair venham pela culpa deles.

SEGUNDO SENADOR ·

Já não vivem, também, os que primeiro pediram vosso exílio. Envergonhados de tão faltos se verem de prudência, o desespero o coração quebrou-lhes. Assim, penetra em nossos muros, nobre comandante, com teus pendões ao vento. Recolher faze o décimo da morte, se não repugna à fome da vingança o que repele a própria natureza. Pelos dados manchados morram logo todos quantos manchados estiverem.

PRIMEIRO SENADOR ·

Não, nem todos erraram; não é justo vingar nos vivos o erro dos defuntos. Não se herda o crime como se herdamos terras. Assim, meu caro compatriota, faze que tuas tropas entrem na cidade, mas do lado de fora deixa a fúria. Poupa teu berço ateniense e o sangue dos parentes que fora inevitável derramar na explosão de tua cólera com o dos que te ofenderam. Semelhante nisso ao pastor, achega-te às ovelhas, aparta as infectadas, mas não mates todas de um golpe só.

SEGUNDO SENADOR · O que desejas mais fácil te será obter com risos do que cortar com o fio de tua espada.

PRIMEIRO SENADOR ·

Toca com o pé, de leve, em nossas portas fortificadas, que elas vão abrir-se, se o coração gentil enviases antes, para dizer-nos que entras como amigo.

SEGUNDO SENADOR ·

Atira a tua luva ou qualquer outro penhor de honra, que usares tão-somente para reparação de tuas mágoas, não para nossa perda, e teu exército acampará dentro de nossos muros, até que te tenhamos dado plena satisfação.

ALCIBÍADES · Então, eis minha luva.

Descei e abri as não batidas portas.
 Os inimigos de Timão, apenas,
 e os meus, que à punição nos entregardes,
 a vida perderão. É porque vossas
 inquietações esfeitas fiquem logo
 por minha alta intenção: nenhum soldado
 seu posto deixará, nem há de o curso
 perturbar da justiça nos limites
 de vossos muros, sem que seja entregue
 às vossas leis comuns sob as mais graves
 responsabilidades.

AMBOS · Nobre dito.

ALCIBÍADES · Descei, então, e o pacto confirmemos.

(Os senadores descem e abrem as portas.)

(Entra um soldado.)

SOLDADO · Meu nobre general, morreu Timão.

À beira-mar se encontra a sepultura.

Na pedra tumular há um escrito
 que eu decalquei em cera. Ora interpreta
 para minha ignorância o molde brando.

ALCIBÍADES · “Corpo indigno aqui jaz; nome não tive.

Possa a peste arrasar tudo o que vive.

Aqui dorme Timão; maldize e passa.

Não tenhas alegria, só desgraça.”

Embora horror, apenas, tu sentisses

por nossa dor humana, e desprezasses

as correntes de lágrimas, as gotas

que cair deixa a natureza sórdida:

ensinou-te teu rico pensamento

a fazer que Netuno eternamente

chorasse em tua sepultura humilde

tuas faltas perdoadas. Voltaremos

depois a falar nele. Para o burgo

conduzi-me, porque eu alie o ramo

de oliveira a meu gládio. Seja a guerra

geradora da paz, não deixando esta

que aquela alento cobre. Ambas, assim,

passarão a mutuar remédio afim.

Toquemos os tambores.

(Saem.)